

MEMÓRIAS DO CINEMA INTERIORANO

Anteprojeto de Requalificação Arquitetônica
do Cine Bandeirante em Arcoverde - PE

Marcela de Siqueira Freire



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO

ARQUITETURA E URBANISMO

MARCELA DE SIQUEIRA FREIRE

**MEMÓRIAS DO CINEMA INTERIORANO: Anteprojeto de Requalificação
Arquitetônica do Cine Bandeirante em Arcoverde - PE**

Trabalho de Graduação apresentado ao Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo, sob a orientação da Professora Mariana Ribas Cordeiro.

RECIFE

2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Freire, Marcela de Siqueira.

MEMÓRIAS DO CINEMA INTERIORANO: Anteprojeto de Requalificação
Arquitetônica do Cine Bandeirante em Arcoverde - PE / Marcela de Siqueira
Freire. - Recife, 2024.

86 p.

Orientador(a): Mariana Ribas Cordeiro

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Arquitetura e Urbanismo -
Bacharelado, 2024.

Inclui referências.

1. Projeto Arquitetônico. 2. Cinema de Rua. 3. Conservação do Patrimônio. 4.
Memória e Espaço. I. Cordeiro, Mariana Ribas. (Orientação). II. Título.

720 CDD (22.ed.)

RESUMO

Durante décadas no Brasil, ir ao cinema foi a principal atividade de lazer e cultura das grandes capitais até as pequenas cidades do interior. Os cinemas eram espaços centrais na sociabilidade da cidade, trazendo vitalidade ao espaço público, porém, com a ascensão da TV, shoppings e salas Multiplex, os cinemas "de rua" foram enfraquecidos e várias salas foram fechadas, transformadas em comércios e igrejas e demolidas. O TFG tem como objeto de estudo a edificação histórica do Cine Bandeirante, na cidade de Arcoverde, no sertão de Pernambuco. O prédio, localizado no centro da Praça da Bandeira, foi cartão postal e um marco cultural da cidade, porém, hoje encontra-se apagado, funcionando como uma Loja Americanas. A proposta de intervenção toma como referência as discussões sobre a memória da ida ao cinema, exemplos de cinemas de rua contemporâneos, estratégias projetuais de intervenção no patrimônio construído e as especificidades do contexto do Cine Bandeirante. Desse modo, o anteprojeto busca resgatar a experiência do cinema de rua em Arcoverde, através da atualização funcional do edifício, promovendo o novo cinema como um espaço cultural e de convivência que valoriza a memória coletiva e se adapta às dinâmicas do público contemporâneo.

PREFÁCIO

Minha experiência com o cinema em Arcoverde começou com a reabertura do Cine Rio Branco em 2013, na época eu tinha 13 anos. Lá os filmes sempre chegavam atrasados, alguns meses após os lançamentos, mas isso não interferia na diversão. O ritual era sempre o mesmo, encontrar os amigos, assistir à telona do Rio Branco e depois da sessão os espectadores iam em direção à Praça da Bandeira. Foi no Rio Branco também que fui ao cinema sozinha pela primeira vez, um hábito de conexão com os filmes e comigo mesma que tenho até hoje. O Rio Branco teve este breve respiro, até ser fechado novamente em 2017.

Ainda assim, às vezes, alguns grupos organizavam exhibições de cinema pela cidade. Lembro de ter assistido em 2018, na época das eleições, uma exibição do documentário Aurora 64, projetada na parede do antigo Cine Bandeirante. Naquele momento, não só o conteúdo do documentário sobre as feridas da Ditadura Militar em Pernambuco me chocou, mas também a quantidade de pessoas presentes, atentas à projeção e ao clima político.

Também lembro de mostras de curta metragens, exibidas na Estação da Cultura e na Praça Virgínia Guerra, Guerra, produzidas pelos próprios cineastas de Arcoverde e região.

As exhibições sempre acabavam em festa com rodas de samba de côco ou apresentações de artistas independentes da cidade.

Quando me mudei para Recife em 2019, para cursar a graduação, passei a frequentar os cinemas da capital, principalmente o Cinema da Fundação do Derby, indo aos multiplex de shopping apenas quando necessário (quando os filmes de terror que estava esperando não chegavam na Fundação).

Com a reabertura do Cinema da UFPE passei a ir com muito mais frequência ao cinema, sendo quase parte da rotina. Eu saía da aula, encontrava meus amigos, ia ao cinema da UFPE, depois jantava no Restaurante Universitário ou passeava no laguinho. A praticidade do cinema na Universidade me proporcionou a experiência da ida ao cinema a pé, e para além disso, a exibição não era unicamente a atividade "fim" de ir ao cinema, e sim uma atividade "meio": ir ao cinema e permanecer no lugar e seu entorno. Em um certo momento, esta relação de percurso a pé e permanência me remeteu à Arcoverde.

Imagino que estas sejam as lembranças que estavam em meu subconsciente ao escolher especificamente este cinema, esta praça, para o meu trabalho, quase como uma forma de retribuir à cidade e trazer em um projeto as memórias e a possibilidade de sonhar.

SUMÁRIO

| | | | |
|--|-----------|-----------------------------------|-----------|
| INTRODUÇÃO | 7 | ESTUDO PRELIMINAR | 63 |
| Objetivo | 12 | Condicionantes projetuais | 64 |
| Metodologia | 13 | Conexão com a praça | 68 |
| USO E PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA DO CINEMA DE RUA | 15 | ANTEPROJETO | 69 |
| O CINEMA DE RUA NO SERTÃO DO MOXOTÓ | 23 | Diretrizes projetuais | 70 |
| Localização | 24 | Programa de necessidades | 71 |
| História | 26 | Zoneamento | 72 |
| Problemática | 39 | O Cine Bandeirante | 73 |
| CINE BANDEIRANTE E SEU ENTORNO HOJE | 41 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 83 |
| O entorno | 42 | REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 84 |
| Situação Atual da Edificação e da Praça da Bandeira | 47 | | |
| INTERVIR EM UM BEM DE VALOR CULTURAL | 52 | | |
| Referencial Teórico | 53 | | |
| Referências Projetuais | 54 | | |
| Teatro Polytheama - Jundiaí | 55 | | |
| Cinema Grand Palais - Cahors | 58 | | |
| Cine Passeio - Curitiba | 60 | | |

Figura 1: Cine Bandeirante em 1951 .
Fonte: Acervo Casa Jonas Moraes



INTRODUÇÃO

As primeiras salas de cinema no Brasil surgiram por volta de 1900. Naquela época, ir ao cinema significava não apenas apreciar a sétima arte, mas também envolvia a experiência multisensorial que o cinema proporcionava. Sua espacialidade influenciava na sociabilidade daqueles que o frequentavam. Em maior ou menor escala, independente da imponência ou luxo das salas, estes espaços encantavam seus espectadores.

Sua ambiência era composta pelo movimento de pessoas desconhecidas, e também velhas conhecidas, na filas das bilheterias, pelo cheiro inebriante da pipoca recém estourada e das guloseimas, pelo som que ecoava dos alto-falantes com os avisos e batidas informando que já era hora de entrar. O cinema se projetava sobre o espaço público alargando o seu domínio e agregando toda sorte de comerciantes ambulantes nas calçadas, de casais apaixonados espalhados pelas praças, de famílias inteiras que se arrumavam e se perfumavam só pra ele. Naquele tempo, "ir ao cinema" era um grande evento.

Muitas das experiências associadas ao cinema estavam intimamente ligadas às próprias salas de exibição. Esses cinemas eram também um fator de atração. No imaginário do espectador das décadas de 1940 e 1950, por exemplo, os palácios cinematográficos complementavam – reproduzindo no espaço sala de cinema – a atmosfera fantástica dos filmes hollywoodianos. A história e a maneira como ela era contada e mostrada na tela relacionavam-se com o espaço em que essa fábula era exibida. Foi a vivência de um tempo, de uma sociedade e de uma cidade específicos. (BESSA, FILHO. 2014)



Figura 2: Cinema Pathé, primeira sala de cinema fixa de Pernambuco.
Fonte: Página Recife de Antigamente (Facebook)

Nas décadas de 1980 e 1990, conforme o acesso aos aparelhos de televisão se popularizava, as salas de cinema foram sendo ofuscadas e perdendo sua força. Os cinemas passaram por um processo de apagamento, onde diversas salas foram demolidas ou vendidas e transformadas em supermercados, igrejas e lojas. Com o surgimento dos shopping centers e das salas multiplex, passa a existir o "cinema de shopping", confinado em espaços voltados ao consumo, que segregam o "público" do privado, ao mesmo tempo que tentam simular experiências próprias do espaço público.

Figura 3: Cine Bandeirante em 1949
Fonte: Acervo Casa Jonas Moraes

Assim, os prédios que antes eram apenas "cinemas" passam a ser chamados de "cinemas de rua". Estar à rua é a característica fundamental que os difere dos "cinemas de shopping", sua presença no espaço público cria laços entre o lugar e as pessoas. Para além das telas, os cinemas "de rua" são espaços de interação social que dependem da vida das cidades (BESSA; FILHO, 2014).

Um exemplo do processo de apagamento do cinema no interior de Pernambuco é o Cine Bandeirante, objeto de estudo deste Trabalho de Conclusão de Curso, localizado na cidade de Arcoverde, no Sertão do Moxotó. O Cine foi um símbolo do desenvolvimento da cidade, sendo o maior cinema do interior do Nordeste na época de sua construção, de acordo com o Diário de Pernambuco (1947). Este exemplar de arquitetura protomoderna foi cartão postal da cidade e atraía centenas de espectadores semanalmente e, segundo Fernando Figueiredo (2012), por ser grandioso e imponente, recebeu a alcunha de "O Gigante da Praça da Bandeira". Nada mais justo para metaforizar esse lugar chamado felicidade.



Patrimônio histórico, berço artístico e cultural do povo arcoverdense, tendo contribuído, naquela época, de forma direta para com o desenvolvimento eclético da cidade, foi o principal responsável pela paixão que os arcoverdensenses consagravam à sétima arte. Símbolo Maior de Arcoverde, ponto de encontro da juventude local, foi um monumento que se transformou no coração da cidade, sendo o principal cartão postal da terra do Cardeal. (FIGUEIREDO, 2012, p. 14)

A sala inaugurada em 1947 funcionou por quase quatro décadas até ser fechada em 1982, quando perdeu o uso cultural e teve sua espacialidade transformada para receber o uso comercial, inicialmente como “Balaio Supermercado”, depois “Shopping Bandeirante” e hoje “Loja Americanas”. O Cine Bandeirantes será caracterizado mais adiante no capítulo 2.

Figura 4: Fachada atual das Lojas Americanas
Fonte: Autoral



Objetivo

O presente trabalho tem como objetivo geral desenvolver um Anteprojeto de Requalificação na edificação do antigo Cine Bandeirante, propondo a recuperação de seu uso original adequado às necessidades contemporâneas da Cidade de Arcoverde, com atividades versáteis e adaptado para o contexto de ocupação atual da Praça da Bandeira e de seu entorno, a fim de integrar a nova proposta arquitetônica com o espaço urbano onde ela está inserida.

Objetivos específicos:

- Apresentar um panorama histórico do Cine Bandeirante mostrando as transformações físicas e funcionais que a edificação sofreu ao longo do tempo, resgatando a memória do lugar;
- Desenvolver uma proposta de intervenção contemporânea na edificação histórica, aproveitando as potencialidades e características mais marcantes da preexistência;
- Propor intervenções na Praça da Bandeira para integração da proposta arquitetônica no espaço público, conectando os novos acessos da edificação à praça e criando novas áreas de estar;

Metodologia

Os procedimentos metodológicos utilizados para a compreensão a área de estudo e desenvolvimento de propostas de intervenção arquitetônica foram:

- Pesquisa bibliográfica com a revisão de livros, artigos, dissertações e teses sobre cinemas de rua no Brasil, com temas relacionados à memória coletiva;
- Buscar casos de cinemas de rua em funcionamento atualmente no país, analisando os aspectos contemporâneos que contribuem para sua resistência no espaço público;
- Levantamento arquitetônico, fotográfico, histórico e iconográfico do Cine Bandeirante e Praça da Bandeira, unindo as informações dos livros e jornais locais aos relatos de moradores e ex funcionários do cinema;
- Estudar posturas e estratégias projetuais frente ao patrimônio construído segundo Francisco De Gracia (1992) e Nivaldo Andrade (2006) a fim de fundamentar as decisões de projeto;
- Buscar referências projetuais com usos, escala ou contexto urbano que se relacionem ao contexto do trabalho, para embasar soluções arquitetônicas e escolha do programa de necessidades;
- Análise das caracter ambientais, físicas e legais da Praça da Bandeira e edificação do antigo Cine Bandeirante;
- Elaboração do material gráfico representando a situação atual do objeto de estudo com planta baixa, fachadas, maquete digital, e croquis de estudo;
- Pesquisa da legislação local e normas técnicas referentes a salas de cinema e acessibilidade;
- Estudos preliminares para a proposta de intervenção.

O presente trabalho inicia com a discussão da problemática da preservação da memória dos cinemas de rua, com suas contradições, dificuldades e casos bem sucedidos de cinemas reabertos no Brasil. Em seguida, é apresentada a história do cinema em Arcoverde e a problemática dos cinemas locais. No terceiro capítulo, é analisada a situação atual da edificação e sua relação com o entorno. Após compreender a problemática e as características do objeto de estudo, o capítulo quatro discute as posturas de intervenção frente ao patrimônio, segundo De Gracia (1992) e Andrade (2006), e as referências projetuais que correspondem às estratégias projetuais adotadas no trabalho. O quinto capítulo corresponde ao desenvolvimento da proposta de intervenção, indicando o programa de necessidades, as condicionantes ambientais e legais e como estas se refletem nas diretrizes do projeto.

O interesse na requalificação do Cine Bandeirante surge não apenas pela paixão pelo cinema e por Arcoverde, mas também para demonstrar como a experiência do cinema de rua pode ser atualizada às necessidades contemporâneas, valorizando a sociabilidade urbana, fugindo da lógica limitada dos cinemas de shopping e buscando uma alternativa de democratização do acesso à cultura. Além disso, o trabalho busca trazer visibilidade à produção arquitetônica no interior de Pernambuco, ainda pouco explorada no debate acadêmico. Desse modo, este exercício projetual para o Cine Bandeirantes, carrega a intenção de promover a arquitetura sertaneja, bem como, de validar a viabilidade de ações contemporâneas no âmbito da arquitetura, do paisagismo e do urbanismo que sejam capazes de valorizar e ressaltar a cultura arquitetônica pernambucana.



Figura 5: Vista panorâmica do Cruzeiro em Arcoverde
Fonte: Autoral



USO E PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA DO CINEMA DE RUA

Nos últimos anos, a prática da conservação do patrimônio através de projetos de reabilitação e requalificação de prédios históricos, transformando-os em espaços culturais tem se tornado uma tendência nos centros das cidades (ANDRADE, 2016). Entretanto, propor um uso cultural ao patrimônio construído tem suas contradições sendo válido refletir a respeito das motivações e como se daria este uso, como reflete, de forma realista, Luís Milanesi no livro *A Casa da Imaginação*.

Milanesi levanta vários questionamentos a respeito das propostas de “centros culturais”, sendo estes novas construções ou em edifícios antigos reaproveitados, principalmente nos pequenos municípios, onde, por vezes, o centro cultural é proposto apenas como uma reafirmação de identidade, ou espaços com usos confusos onde próprio público não compreende sua função.

O autor também traz, através de curtos textos fictícios, os possíveis cenários pessimistas da implantação de centros culturais, onde os projetos podem ser um fracasso, seja pela administração municipal, pelos indivíduos responsáveis ou pela falta de informação do público atendido a respeito do propósito do centro cultural (MILANESI, 2003. cap.5).

Após apresentar os empecilhos que este tipo de equipamento de cultura podem encontrar após sua implantação, o autor elenca quais os atributos que estes espaços devem ter para que o uso cultural seja bem recebido pelo público e tenha chances de sucesso. Para isso o lugar deve proporcionar ao usuário os três verbos: “informar, discutir e construir”.



Figura 6: “Cinema é a maior diversão”
Fonte: Filme Retratos Fantasmas de Kléber Mendonça Filho

Um arquiteto ao planejar um centro de Cultura deve levar em consideração os três elementos essenciais: áreas de acesso ao conhecimento, espaços para convivência e discussão, setor de oficinas e laboratórios. (MILANESI, 1997. p 199.)



Figura 7: Petra Belas Artes
Fonte: Blog Salas de Cinema de Sao Paulo

Outra questão relevante a ser discutida sobre espaços de uso culturais é o caso específico dos antigos cinemas de rua que foram abandonados. Para este caso também existem desafios de requalificação de seus edifícios ou da retomada de seu uso visto que muito se fala sobre a “morte do cinema”, numa visão fatalista onde não há nada a se fazer já que o “cinema morreu”. Os esforços para esse “resgate” seriam inúteis em um cenário onde, para atrair o espectador contemporâneo, o cinema de rua precisaria competir com a praticidade oferecida pelos aparelhos de televisão onde é possível assistir a filmes na sala de casa, quer pelas redes de canais abertos ou por assinatura, quer canais de streaming, filmes on-demand e até mesmo pelas facilidades encontradas nas salas de cinema multiplex, com experiências cada vez mais imersivas.

Porém, os cinema de rua não carregam apenas seu valor funcional, artístico ou histórico, eles são também espaços intimamente relacionados à construção e a

preservação da memória afetiva das cidades. A autora britânica Annette Kuhn (2002) desenvolve uma pesquisa extensa a respeito da memória e do cinema, onde através de entrevistas com antigos frequentadores dos cinemas da Inglaterra, ela classifica três tipos de memórias. Os dois primeiros tipos são relacionados com os filmes em si, sendo o primeiro quando as cenas dos filmes ficam marcadas na memória do indivíduo e o segundo quando as lembranças da vida real se relacionam com as memórias dos filmes. O terceiro tipo de memória seria o da “ida ao cinema”, onde ela utiliza o termo “*cinema-going experiences*”.

Este último tipo envolve a memória coletiva e afetiva da ambiência e sociabilidade, onde o espaço físico do cinema desempenha um papel fundamental na criação da memória. Para a maior parte das pessoas, de acordo com a autora, “ir ao cinema é lembrado como sendo muito menos sobre os filmes e artistas e mais sobre as rotinas do dia a dia, idas e vindas

das comunidades e organização do tempo livre. A ida ao cinema é lembrada como parte do tecido da vida cotidiana” (KUHN, 2002. p 100.) (tradução própria)

O cinema existe no imaginário do público como este lugar de memória, o lugar que remete à vitalidade e a juventude, ainda que, para muitos, as lembranças estejam distantes, como relata o escritor Moacyr Scliar.

Cinema, infância. A infância passa, o cinema não é o mesmo. Mas quando a gente evoca a infância é como se estivesse vendo um filme muito antigo, preto e branco, numa cópia muito maltratada, cheia de riscos e chuveiros, mas é a nossa vida.

O cinema é a nossa vida..(SCLIAR, 1986)

É justamente esta memória da sociabilidade do cinema que nos afeta e mobiliza grupos da população a lutar pela preservação dos cinemas “de rua”. Pode-se afirmar que o cinema de rua não morreu, mas para sobreviver precisou passar por

modificações, seja na tecnologia das películas e projetores, sua configuração espacial, seus usos ou a forma de resistir no espaço público.

O problema não é mais pensar a morte do cinema, como a partir de metade da década de 1970 se difunde nas publicações cinematográficas, mas refletir, compreender e acompanhar as formas de sua transformação; além de analisar maneiras de preservar a memória dos meios exibidores passados em suas relações com a urbanidade e a frequência. (BESSA, FILHO. 2014)

Os exemplos a seguir apresentam cinemas de rua em atividade no Brasil, que passaram por transformações formais e funcionais e que ainda resistem no espaço público, se adaptando às necessidades contemporâneas, cada um proporcionando experiências únicas, adequadas à história da edificação e ao contexto das cidades atuais. Os casos citados são o Cine Belas Artes em São Paulo, o Cinema da Fundação do Derby em Recife e o Cine Passeio em Curitiba.



O cinema, inaugurado em 1956 como “Trianon” e reinaugurado em 1967 como Cine Belas Artes, é um exemplo fora da curva. O Belas Artes passou por várias transformações, fechamentos e reaberturas, um incêndio, seis grandes reformas, divisão em seis salas, diversos patrocinadores, mas, apesar de todos os percalços, sempre permaneceu como um cinema de rua (FARIAS, 2014).

Um dos motivos para o prédio ter mantido este uso desde a década de 60 é a forte consolidação de um público fiel, pela sua especialização na curadoria de “cinema de arte”, trazendo filmes clássicos e independentes de alto nível artístico. Tamanha é a

paixão do público pelo caráter único do Belas Artes, que em 1987, sob nova administração, o cinema passou a exibir filmes mais “comerciais” (*blockbusters*), o que afastou os espectadores e levou o cinema à crise e fechamento em 1990, retornando ao funcionamento apenas em 2003, depois de muita mobilização popular e organização de grupos de resistência como o “Viva o Belas Artes”. Hoje o cinema funciona como centro cultural, sob o nome “REAG Belas Artes”, com as seis salas em funcionamento, um bar no mezanino e inclui na programação shows, eventos, feiras, as exhibições “noitão e matinao” (SORIANO, SILVA).

Figura 8: Linha do tempo do Cine Belas Artes
Fonte: Blog Salas de Cinema de São Paulo e Google StreetView.
Esquema gráfico desenvolvido pela autora

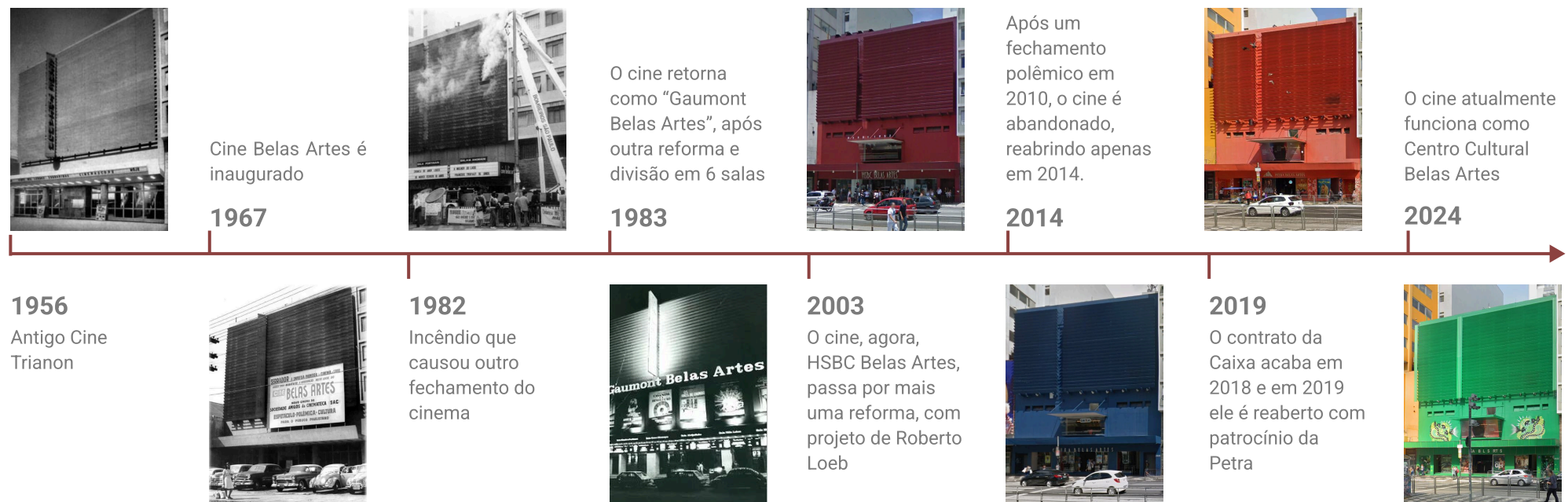
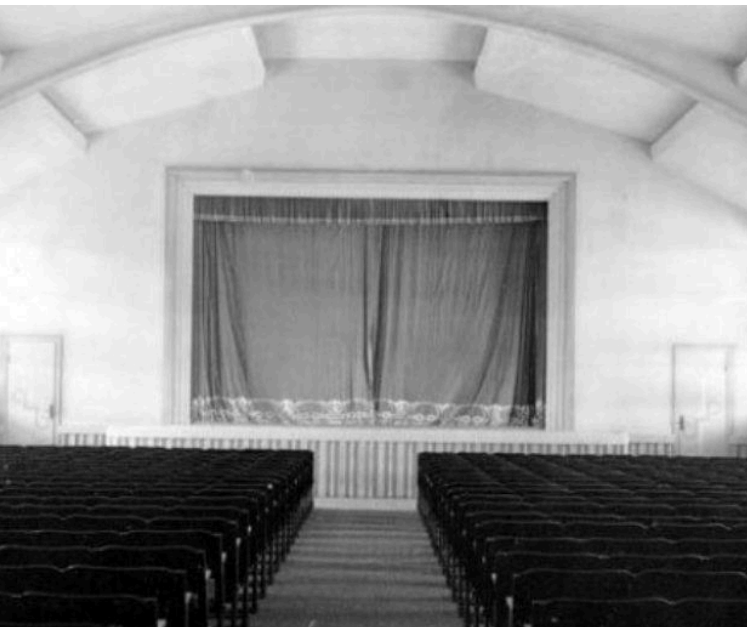


Figura 9: Antiga Sala José Carlos Cavalcanti Borges.
Fonte: Cinema Escrito



Outro exemplo onde o cinema se diferencia e conquista o público através da curadoria e programação é o Cinema da Fundação Joaquim Nabuco do Derby, que funciona no Edifício Ulysses Pernambucano. O espaço foi inaugurado como Sala José Carlos Cavalcanti Borges funcionava como um auditório multiuso, recebendo apresentações de teatro, música e cinema, até os anos 90, quando passou por uma reforma para adequá-lo unicamente ao uso de cinema (Cinema da Fundação, 2018).

Além das sessões regulares, o Cinema da Fundação é conhecido por promover mostras temáticas, festivais de cinema, debates e atividades educativas, sempre incentivando o pensamento crítico e a formação de novos públicos.

O último exemplo é na verdade a construção de uma nova sala de cinema em Curitiba, após todas as salas antigas da cidade terem sido fechadas ou demolidas.



Figura 10: Cinema da Fundação antes da reforma de 2015.
Fonte: NE10 no Facebook

Em 1998 o Cinema da Fundação do Derby é inaugurado e desde então faz parte da Fundaj, instituição cultural e educativa vinculada ao Ministério da Educação. A sala passou por algumas reformas para adaptá-la a tecnologia de projetores e sistema de som digital. Atualmente a Fundação conta com 3 cinemas na cidade, com o foco em uma programação diferenciada, voltada para obras que muitas vezes ficam de fora do circuito comercial.



Figura 11: Cinema da Fundação em 2024.
Fonte: Cinema da Fundação no Facebook



Figura 12: Impressora Paranaense.
Fonte: Prédios de Curitiba



Figura 13: Antigo Quartel do Exército.
Fonte: Fotografia de Valdecir Galor



Figura 14: Cine Passeio atualmente
Fonte: Fundação Cultural de Curitiba

Em uma esquina da Rua Riachuelo, em Curitiba, existia em 1889 a Impressora Paranaense, que foi demolida e no terreno foi construído um Quartel do Exército, que serviu como apoio administrativo entre a década de 1930 até os anos 90, quando foi abandonado. Em 2010 o quartel foi adquirido pela prefeitura e incluído na lista de Unidades de Interesse de Preservação. A partir disso, iniciaram as discussões sobre a criação de um novo cinema no antigo prédio do exército, já que o mesmo está situado em um eixo principal da antiga cinelândia curitibana. Através de uma iniciativa da prefeitura junto ao setor privado, o Programa Rosto da Cidade viabilizou a execução do projeto de um novo cinema (EVANGELISTA).

O Cine Passeio foi inaugurado em 2019, contando com 2 novas salas de projeção, cujos nomes homenageiam 2 antigos cinemas de rua da cidade, o Cine Luz e o Cine Ritz, ambos fechados. O novo cinema pertence à Fundação Cultural de Curitiba, administrado pelo Instituto Curitiba e Arte

de Cultura (Icac), sendo atualmente o único cinema de rua da capital paranaense (CINE PASSEIO, 2019). Além das salas de projeção, o novo cinema inclui diversas atividades que unem o lazer e a formação, contando com sala para eventos e palestras, sala de vídeo on demand disponível para aluguel, sala para cursos e oficinas, cafeteria, o primeiro coworking público do país, e um terraço com uma grande área aberta onde acontecem exibições gratuitas de cinema a céu aberto e uma sala de eventos. Em 2024, o cinema teve recorde de público, com 11 mil espectadores só no mês de janeiro (CBN Curitiba, 2024).



Figura 15: Exibição do Cine Passeio na rua
Fonte: Fotografia de Daniel Castellano

O Belas Artes foi fechado e reaberto diversas vezes, mas resiste agora funcionando como centro cultural e seus usos diversos, o Cinema da Fundação atrai o público com sua curadoria e preços acessíveis e o Cine Passeio reviveu a experiência do cinema de rua em Curitiba. Estes exemplos demonstram como é sim possível devolver às cidades a vivência dos cinemas de rua, adaptando o programa de necessidades ao contexto contemporâneo e suas demandas específicas em cada lugar.



Figura 16: Cine Bandeirante em 1949

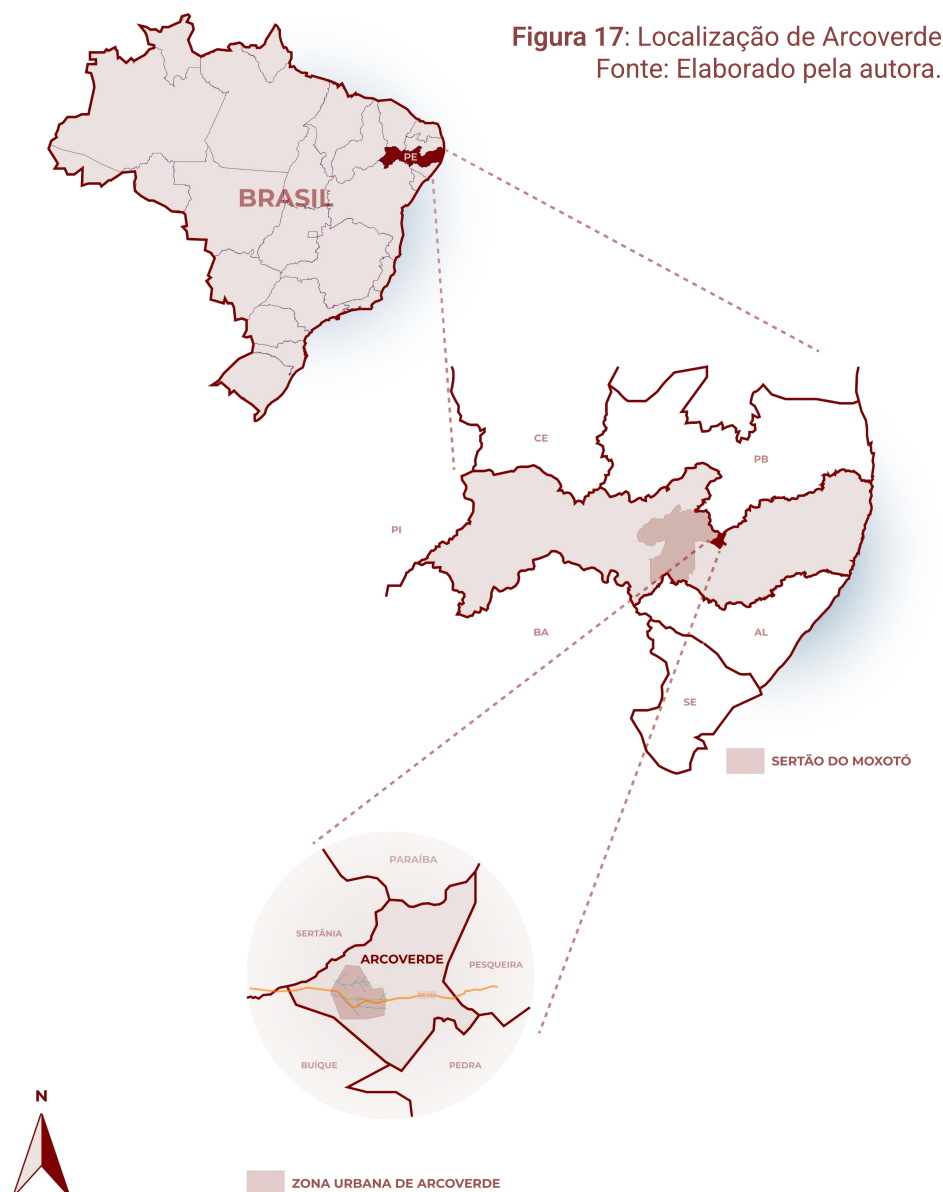
Fonte: Livro Cine Bandeirante: Histórias que o Vento Não Levou



O CINEMA DE RUA NO SERTÃO DO MOXOTÓ

Partindo desta análise macro, nos voltamos para o objeto de estudo deste trabalho, o Cine Bandeirante em Arcoverde - PE, para que através da discussão sobre a memória dos cinemas e dos exemplos citados, seja possível observar as problemáticas deste cinema no interior de Pernambuco, quais são seus desafios e como a Arcoverde se conecta com a sétima arte.

Localização



A área de estudo deste trabalho está localizada no município de Arcoverde, a 256 km da capital pernambucana. A cidade pertence à Microrregião do Sertão do Moxotó e possui aproximadamente 77.600 habitantes, com uma taxa de urbanização de 91% sendo a 2ª maior população urbana do sertão de Pernambuco (IBGE, 2023). Arcoverde é conhecida como “Portal do Sertão” por ser a primeira cidade do Sertão no sentido leste-oeste em Pernambuco. O município é reconhecido pela grande oferta de comércio e serviços, suas principais atividades econômicas, pela cultura e festividades, turismo cultural, religioso e ecoturismo, além disso, é referência na região como um polo médico e de ensino. A cultura da cidade é certamente um dos maiores atrativos, tendo como manifestações mais pulsantes as festas de São João, o Samba de Côco, o Bumba-meu-boi, o maracatu, o teatro, artesanato e literatura, com vários eventos realizados ao longo do ano (Prefeitura de Arcoverde).

O sítio onde se insere o Projeto de Requalificação é compreendido pelo entorno imediato da Praça da Bandeira, no Centro de Arcoverde, um bairro predominantemente comercial, onde concentram-se os principais equipamentos culturais, institucionais, educacionais e espaços públicos importantes da cidade. Esta área faz parte do eixo econômico, administrativo e cultural de Arcoverde.



Figura 18: Cruzeiro Velho em Arcoverde - PE.
Fonte: Prefeitura de Arcoverde

História



Figura 19: Ocupação do povoado de Rio Branco.
Fonte: Página Baú de Histórias que o Povo Conta (Facebook)

A ocupação de Arcoverde teve origem por volta de 1812 com o povoado conhecido como Olho d'Água, que crescia às margens do Riacho do Mel, em um vale formado pela serra de Aldeia Velha. O povoado cresceu com as fazendas de gado e os pontos de comércio e construção da Igreja de Nossa Senhora do Livramento e por volta de 1909 Olho d'Água tornou-se uma vila do município de Cimbres. Em março de 1912 uma resolução do Conselho Municipal de Cimbres alterou o nome de “Olho d'Água dos Bredos” para Rio Branco, em homenagem ao Barão Rio Branco e, em novembro do mesmo ano, a vila tornou-se um distrito (Jornal Arcoverde, 2016).

Também em 1912, o distrito foi conectado à capital através da linha férrea da Great Western of Brazil Railway (GWBR). A interiorização das ferrovias no estado facilitaram o escoamento das mercadorias e matérias primas produzidas no sertão. Nesse período, Rio Branco teve um crescimento significativo com a instalação de rede elétrica, consolidação do comércio, criação da feira de bois, entre outros avanços.

É nesse contexto que surge o primeiro cinema da cidade, o Cinema Rio Branco, construído em 1917 (Figura 24). O centenário Cinema Rio Branco foi uma das primeiras salas de exibição fixas do Nordeste, possuía capacidade para até 500 espectadores. O cinema está localizado próximo à antiga Estação Barão do Rio Branco, por onde os filmes eram trazidos da capital no trem de passageiros na ferrovia Great Western. O equipamento era um ponto atrativo para os moradores e viajantes da região, sendo símbolo do progresso do distrito.

O Cinema Rio Branco esteve em funcionamento até 2017, porém encontra-se a anos fechado à espera de uma nova reforma. Com as reformas que sofreu nas últimas décadas a edificação perdeu os ornamentos e aberturas da fachada original e teve grande parte do interior demolido (Figura 25).

Após décadas de desenvolvimento, Rio Branco já mostrava um potencial econômico ao nível de Pesqueira (antigo município de Cimbres) e com o Decreto-Lei Estadual nº 952 de 31 de dezembro de 1943, teve o nome mudado para Arcoverde, em homenagem ao primeiro Cardeal da América Latina, nascido na cidade, D. Joaquim de Albuquerque Cavalcanti Arcoverde.



Figura 20: Antiga fachada do Cinema Rio Branco em 1919.
Fonte: Prefeitura de Arcoverde/Divulgação



Figura 21: Situação atual do Cinema Rio Branco.
Fonte: Prefeitura de Arcoverde/Divulgação

Em 1945 foi construído o segundo cinema de Arcoverde, o Cine Bandeirante. O Cine foi erguido no local dos antigos currais de bois (Figura 26), onde acontecia o embarque do gado nos trens da Great Western (Jornal Arcoverde, 2017). A tradicional feira de bois, importante elemento para o crescimento econômico da então vila de Rio Branco, foi deslocada e no local era esperada a construção de uma nova igreja, seguindo a configuração típica de Igreja-Pátio. Porém, a prefeitura vendeu o espaço dos currais para a iniciativa privada e os irmãos Jonas, Otacílio e Epaminondas Moraes formaram a sociedade Organização Bandeirante LTDA sendo os responsáveis pela obra da nova sala. Este exemplar da arquitetura protomodernista sertaneja foi assinado pelo projetista Álvaro Freire, tendo como inspiração os cinemas art deco de Los Angeles. O caso do Bandeirante, é um exemplo de um recorte específico da prática da arquitetura Art Déco no interior no início do século XX, segundo a professora Guilah Naslavsky, “iniciativas pontuais e privadas, com a construção de equipamentos de diversão e lazer, popularizados em quase todos os municípios, através dos típicos cinemas e cine-teatros, de clubes sociais e da particular ocorrência das rádios difusoras” (NASLAVSKY, 2011).

Figura 22: Local da antiga feira de bois na década de 1940
Fonte: Documentário “Uma Balada para Rocky Lane”.





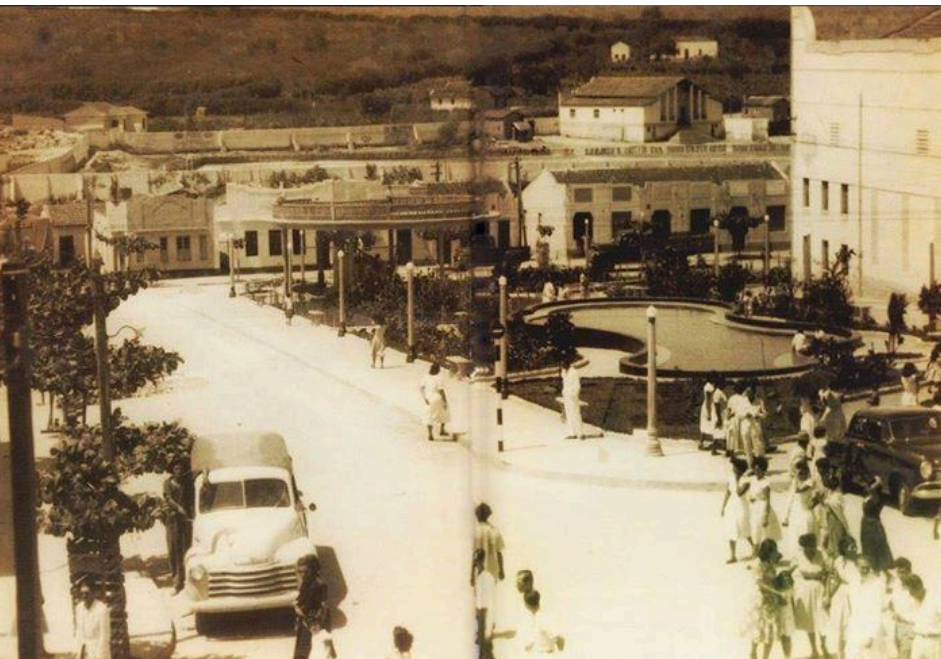
Figura 23: Vista do Cine Bandeirante com a fachada original.
Fonte: Livro Cine Bandeirante: Histórias que o Vento Não Levou.

O Cine, inaugurado em 1947 (Figura 27), ficou conhecido como “Gigante da Praça da Bandeira” devido a sua escala monumental, a sala de exibição do “gigante” tinha capacidade para até 1080 pessoas. Sua construção deu à cidade de Arcoverde mais um atrativo que impulsionava o lazer e a cultura, atraindo centenas de espectadores também das cidades vizinhas. Arcoverde era na época uma referência de cidade progressista para os municípios próximos, sendo considerada a “Capital do Sertão”, um exemplo de modernidade.

Após a construção do Cine, em 1955, Otacílio Moraes, proprietário do cinema que foi eleito prefeito da cidade, ordenou a construção da Praça da Bandeira e do Coreto, um espaço público com belas áreas de permanência, com traçado orgânico em seus canteiros, passeios e espelhos d’água. Como é possível acompanhar nas histórias contadas por Fernando Figueiredo em seu livro Cine Bandeirante: Histórias que o Vento Não Levou, publicado em 2012:

Posteriormente, foi implantada a moderna e bela Praça da Bandeira, na área onde foi erguido o cinema. Esta se ilustrava pela arquitetura protomoderna local, construída na gestão do prefeito Otacílio Moraes, Essa ação transformou a cidade de Arcoverde numa pequena metrópole do Sertão pernambucano, tornando-se uma das mais modernas e atraentes da região, a ponto de causar grande repercussão nas cidades vizinhas e nas pequenas cidades do interior. (FIGUEIREDO, 2012, p. 21)

Figura 24: Lateral esquerda da Praça da Bandeira e o coreto nos anos 50
Fonte: Acervo Casa Jonas Moraes.



A Praça, conhecida como “Bandeirante”, ou apenas “Band” como é chamada pelos jovens atualmente, era sempre movimentada, tanto pelos usuários do comércio quanto pelo grande número de pessoas que frequentavam o cinema.

Nestas fotografias do Bandeirante na década de 50 (Figura 28), podemos observar o antigo casario no entorno da praça, um dos primeiros locais da urbanização do povoado, próximo ao Riacho do Mel, a lateral esquerda do Cine bandeirante, os sinuosos espelhos d’água e também o Coreto, onde antigamente aconteciam apresentações da orquestra e fanfarras da cidade.



Figura 25: Lateral esquerda da Praça da Bandeira e os antigos espelhos d’água
Fonte: Acervo Casa Jonas Moraes.

Naquele tempo, ir ao cinema tornou-se um hábito de muitos moradores e visitantes de outras cidades do interior, alguns até hoje recordam-se das matinês de domingo, sessões de seriados e filmes clássicos exibidos nas enormes salas de cinema. O Cine Bandeirante era a opção de lazer das famílias e dos jovens casais, moças encomendavam vestidos para frequentar as sessões, rapazes alugavam carros clássicos no entorno da praça, crianças e adolescentes compravam e trocavam gibis e posters vendidos na calçada do cinema (FIGUEIREDO, 2012). Quando os dois cinemas da cidade estavam em atividade, as salas revezavam a exibição de títulos inéditos.

Além dos filmes e seriados, o cinema também exibiu noticiários, shows, foi palco de apresentações de bandas, orquestras, gincanas, e também foi usado para difundir os informativos da ditadura militar. O conjunto da Praça da Bandeira era palco dos principais eventos da cidade, como os desfiles das escolas no 11 de setembro (figura x), data de comemoração da Emancipação de Arcoverde, os comícios dos candidatos à prefeitura, festas de São João, apresentações de bumba-meu-boi, quadrilhas juninas, entre outros.

Figura 26: Cine Bandeirante em 1949 durante o desfile de 11 de Setembro
Fonte: Acervo Casa Jonas Moraes (1949)



O prédio do cinema, desde a sua inauguração, abrigava usos diversos, Segundo Figueiredo, “a Organização Bandeirante Ltda, a qual era composta pelo Cine Teatro Bandeirante, o Serviço de alto-falantes Bandeirante, o Bar Bandeirante e a Lanchonete e Sorveteria Bandeirante” (FIGUEIREDO, 2012. p. 20).

À esquerda da entrada ficavam o bar e a lanchonete, no primeiro andar, próximo à sala de projeção, funcionava o serviço de alto-falantes. A difusora do Bandeirante possuía o maior acervo de discos e os equipamentos mais avançados da época. Na área do antigo sistema de som, hoje existe a Rádio Independente FM, uma das maiores rádios da do sertão. Em entrevista à Revista Continente, Severino Dadá, renomado montador e editor de som que trabalhou no sistema de autofalantes Bandeirante relembra como era a grandiosidade do Cine Bandeirante e sua programação:

Figura 27: Cine Bandeirante nos anos 50

Fonte: Livro Cine Bandeirante: Histórias que o Vento Não Levou



[...]Em Arcoverde, dois cinemas! Inclusive, o Cinema Bandeirante tinha 1.200 lugares, era o gigante da Praça da Bandeira. Quando assisti a filmes lá, fiquei deslumbrado! Então, eu fui chamado por Giovanni Pôrto, que chegou a ser prefeito de Arcoverde, para ser locutor do Cine Rio Branco, para anunciar os filmes. Quem trabalhava no Rio Branco não pagava para entrar no Bandeirante, então, eu assistia a um filme inédito num cinema e, no outro dia, assistia a um outro filme inédito no outro cinema. Aí começa meu envolvimento com o cinema. Isso era 1957. Depois fui trabalhar no serviço de alto-falante do Bandeirante, que era uma espécie de rádio, tinha uma média de 30 aparelhos espalhados pela cidade.

O rádio, na época, era o serviço de alto-falante.(SOUZA, 2016)



O Bar Bandeirante era o principal ponto de encontro dos jovens de classe média, políticos, figuras importantes da época e funcionários do cinema. O bar tinha acesso apenas pela lateral esquerda da praça e vivia lotado, dando o caráter boêmio ao local que até hoje é cercado de bares e restaurantes (Figuras 28 e 29).

Além do bar e da difusora, também existia a Rádio Cardeal, criada no final da década de 60 (Jornal Arcoverde, 2015), que funcionou por alguns anos em um pavimento inferior atrás da tela de projeção. Este espaço atrás da tela servia como backstage para os artistas que se apresentavam no palco do cineteatro, para armazenamento de equipamentos de som e também como dormitório para funcionários do cinema, como relatado pelo ilustre Rocky Lane (como era conhecido José Duarte Leite). O antigo funcionário do Cine morou na edificação por 25 anos, como afirma em seu livro, embora não tenham sido encontradas fotografias do espaço (DUARTE, 2010, p. 25)



Figura 28 e 29: Bar Bandeirante na década de 1950

Fonte: Livro Cine Bandeirante: Histórias que o Vento Não Levou



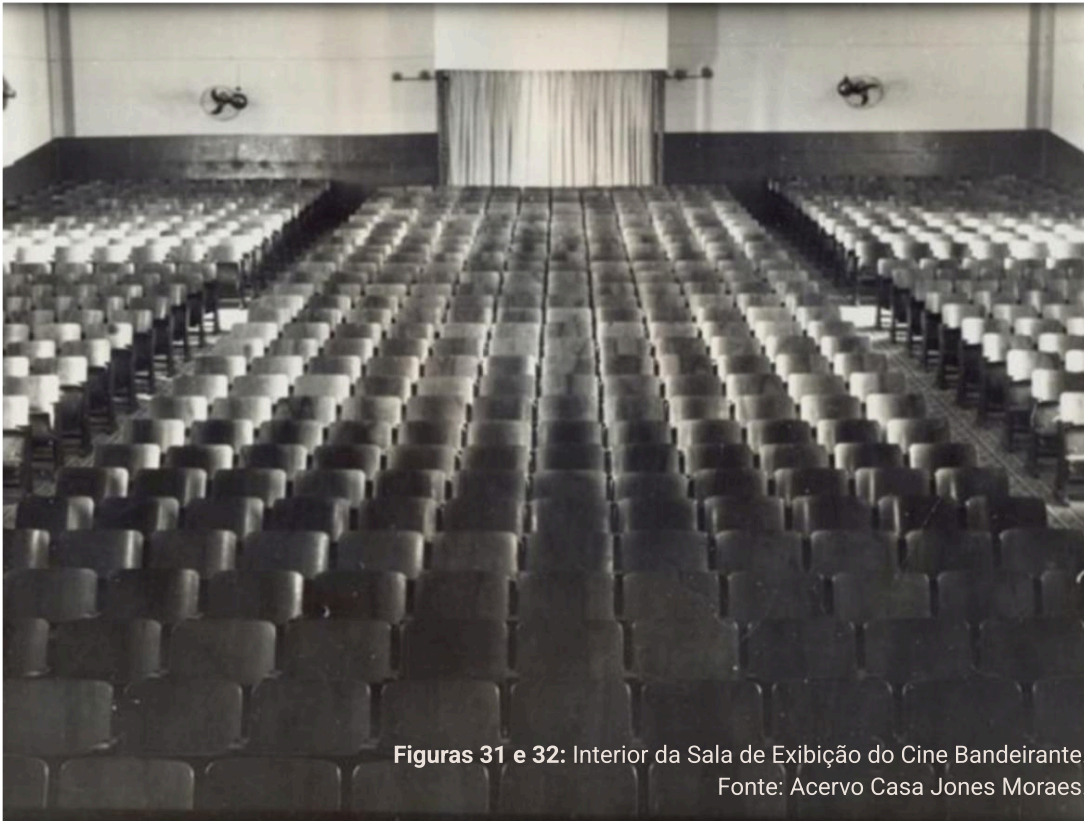
Figura 30 Telão e Palco do Cine Bandeirante.
Fonte: Arcoverde Terra da Minha Infância.

O cinema teve décadas de sucesso e manteve a configuração formal original até a década de 1980. Com a crise econômica e o avanço da TV no país, o Cine Bandeirante enfraqueceu, foi vendido nos anos 90 e transformado no “Balaio Supermercado”. A televisão foi gradativamente substituindo a função do cinema na cidade e, como os aparelhos de tv eram caros na época, as pessoas se reuniam na frente das casas dos vizinhos, ou em estabelecimentos comerciais para assistir às grandes novelas. Assim, o Cine Bandeirante ficou apenas na memória daqueles que o frequentavam, como no relato emocionado do ilustre Rocky Lane em seu livro.

Eu morei ali, embaixo da tela, em um apartamento que Otacílio Moraes construiu pra mim em 1952. Eu era feliz e não sabia, é lamentável e terrível o que aconteceu. Infelizmente é muito tarde para chorar, fiquei muito deprimido e muito chocado quando soube da venda do cinema, é o tipo de coisa que não se pode deixar de lamentar. (DUARTE, 2010, p.20)

Inicialmente, a mudança no uso do Cine Bandeirante causou estranhamento nos antigos espectadores, a relação da edificação gigante com a praça a sua volta foi drasticamente afetada, como nos relatos mostrados no documentário de Djalma Galindo (2017), **“como é que eu posso me sentir entrando no Bandeirante e saindo com um quilo de feijão?”**. Na fotografia da primeira reforma do prédio vemos a abertura do novo acesso lateral à Rádio Independente e das janelas altas ao longo das fachadas laterais.

Como não foi possível encontrar registros de plantas baixas ou fachadas, a análise das mudanças sofridas pelo edifício podem ser feitas através das fotografias, notícias de jornais da época e vários relatos de antigos frequentadores do cinema, assim é possível identificar 4 fases principais do prédio do Cine:



Figuras 31 e 32: Interior da Sala de Exibição do Cine Bandeirante.
Fonte: Acervo Casa Jones Moraes.



Fase 1: O cinema em sua configuração original, com uma sala de exibição com capacidade para até 1080 espectadores (FIGUEIREDO, 2012), em um espaço com vão livre, onde a direção das fileiras de poltronas acompanhava o declive do próprio terreno da praça. Na entrada ficavam as bilheterias, com o balcão de atendimento voltado para o exterior, o foyer e a antecâmara. O primeiro andar ficava acima destes espaços da chegada, onde estavam a cabine de projeção e áreas técnicas. A disposição original da sala de cinema se assemelha ao que a arquiteta Kate Saraiva define como “cine-teatro-jardim”, onde a sala de cinema possui aberturas nas laterais (Figura 33), conectadas a pátios, jardins, e no caso do Bandeirante, a própria praça (SARAIVA, 2013, p.36).

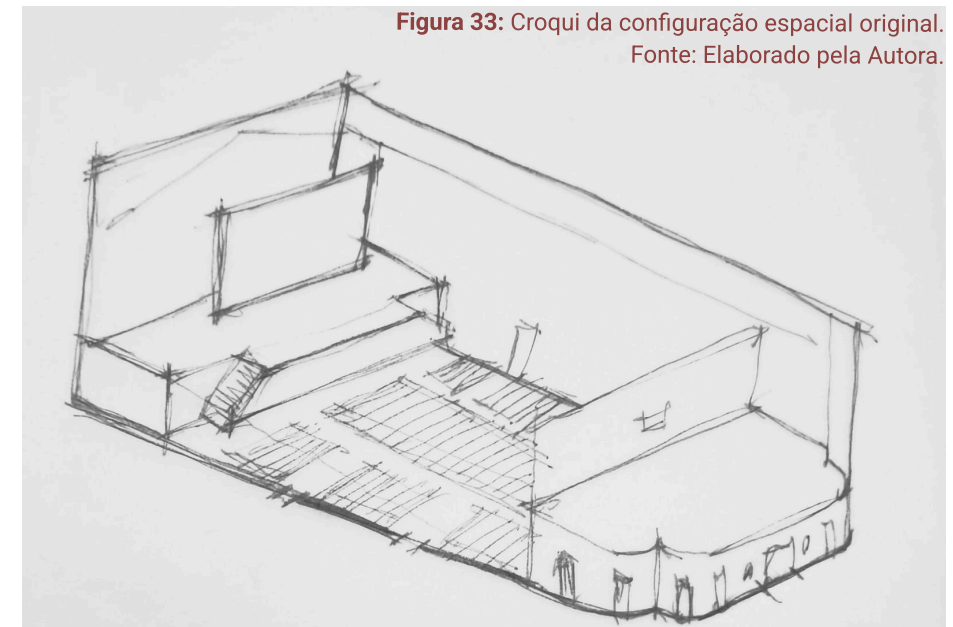


Figura 33: Croqui da configuração espacial original.
Fonte: Elaborado pela Autora.



Figura 34: Obra do Balaio Supermercado nos anos 90.
Fonte: Documentário Uma Balada para Rocky Lane

Fase 2: Em 1990 o edifício passou a funcionar como Supermercado Balaio, passando pela sua primeira grande reforma, onde o piso da sala de projeção foi nivelado com a entrada do prédio, foram descartadas as antigas poltronas, demolidas as paredes internas e várias janelas altas foram abertas nas laterais. Também houve a mudança do acesso ao primeiro andar, que passou a ser externa, pelo lado oeste da praça.



Figura 35: Balaio Supermercado.
Fonte: Arcoverde Terra da Minha Infância.

Figura 36: Croqui da configuração espacial do Balaio Supermercado.
Fonte: Elaborado pela Autora.

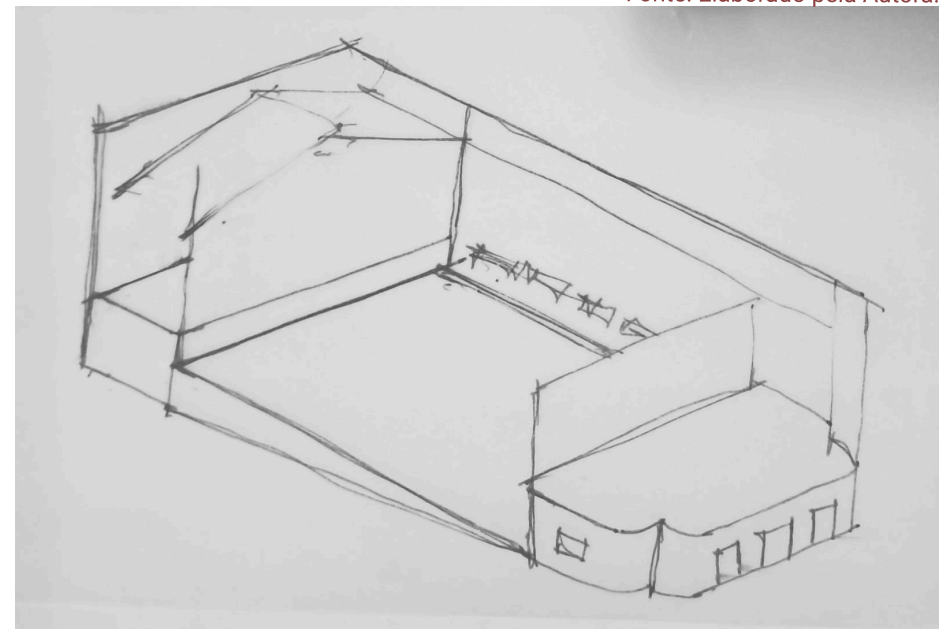


Figura 37: Shopping Bandeirante.
Fonte: Arcoverde Terra da Minha Infância.



Fase 3: Nos anos 2000 o Balaio foi transformado no Shopping Bandeirante, que era na verdade uma pequena galeria de lojinhas de artesanato, papelaria, presentes e roupas. As lojas eram dispostas ao longo das paredes laterais, sendo possível estimar que cada abertura de janela alta e ar condicionado correspondia a um módulo. Na obra do Shopping também foi construído um primeiro andar no formato de galeria, onde existia um mezanino com lanchonete e mais algumas lojas.

Figura 39: Croqui da configuração espacial do Shopping Bandeirante.
Fonte: Elaborado pela Autora.

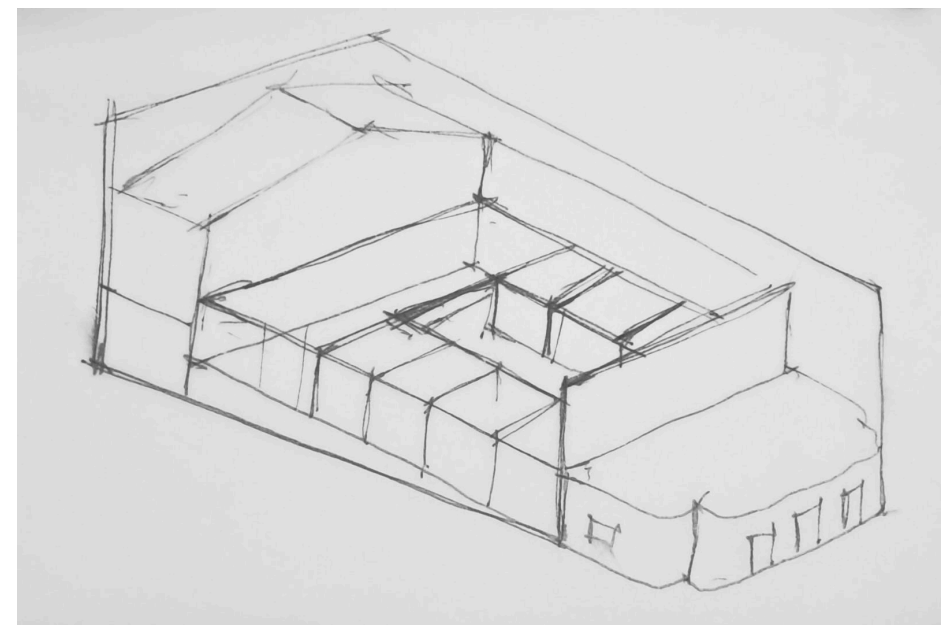


Figura 38: Shopping Bandeirante.
Fonte: Fonte: Arcoverde Terra da Minha Infância.



Figura 40: Lojas Americanas em 2024.
Fonte: Autoral.

Fase 4: O Shopping Bandeirante é fechado e o prédio passa por mais uma reforma em 2010, desta vez para receber as Lojas Americanas. A estrutura da antiga galeria de lojas é demolida, dando lugar à estrutura em concreto armado com uma laje que ocupou todo o vão da edificação. No térreo fica a loja e aos fundos o All Black Bistrô (no local onde funcionou a Rádio Cardeal e backstage do cinema), no primeiro andar fica a área de estoque e as áreas técnicas dos ar condicionados.

Figura 42: Croqui da configuração espacial da Loja Americanas
Fonte: Elaborado pela Autora.



Figura 40 e 41: Interior das Lojas Americanas do Bandeirante.
Fonte: Autoral.

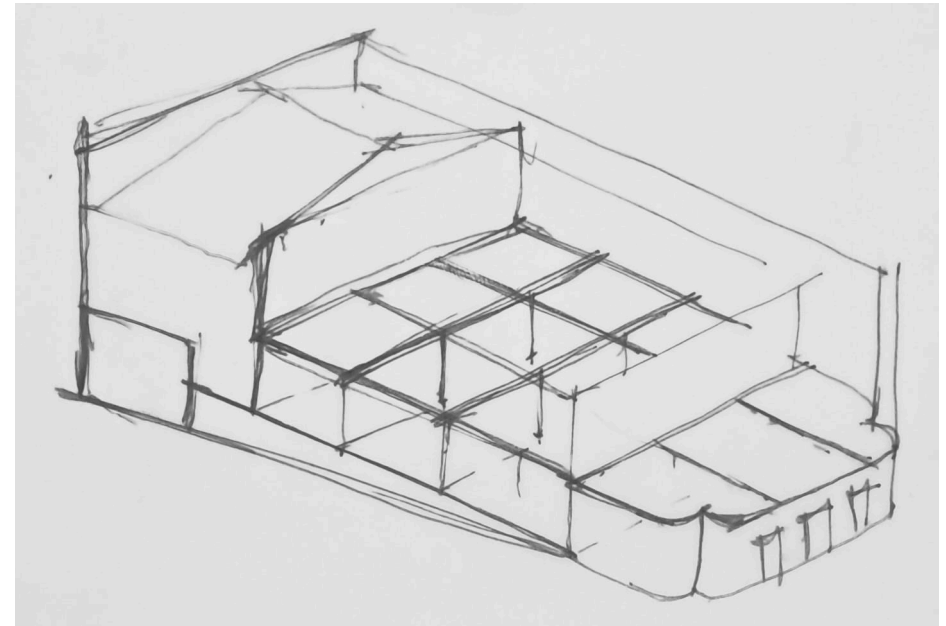


Figura 43: Croquis representando as mudanças sofridas nas fachadas ao longo do tempo
Fonte: Elaborado pela autora.

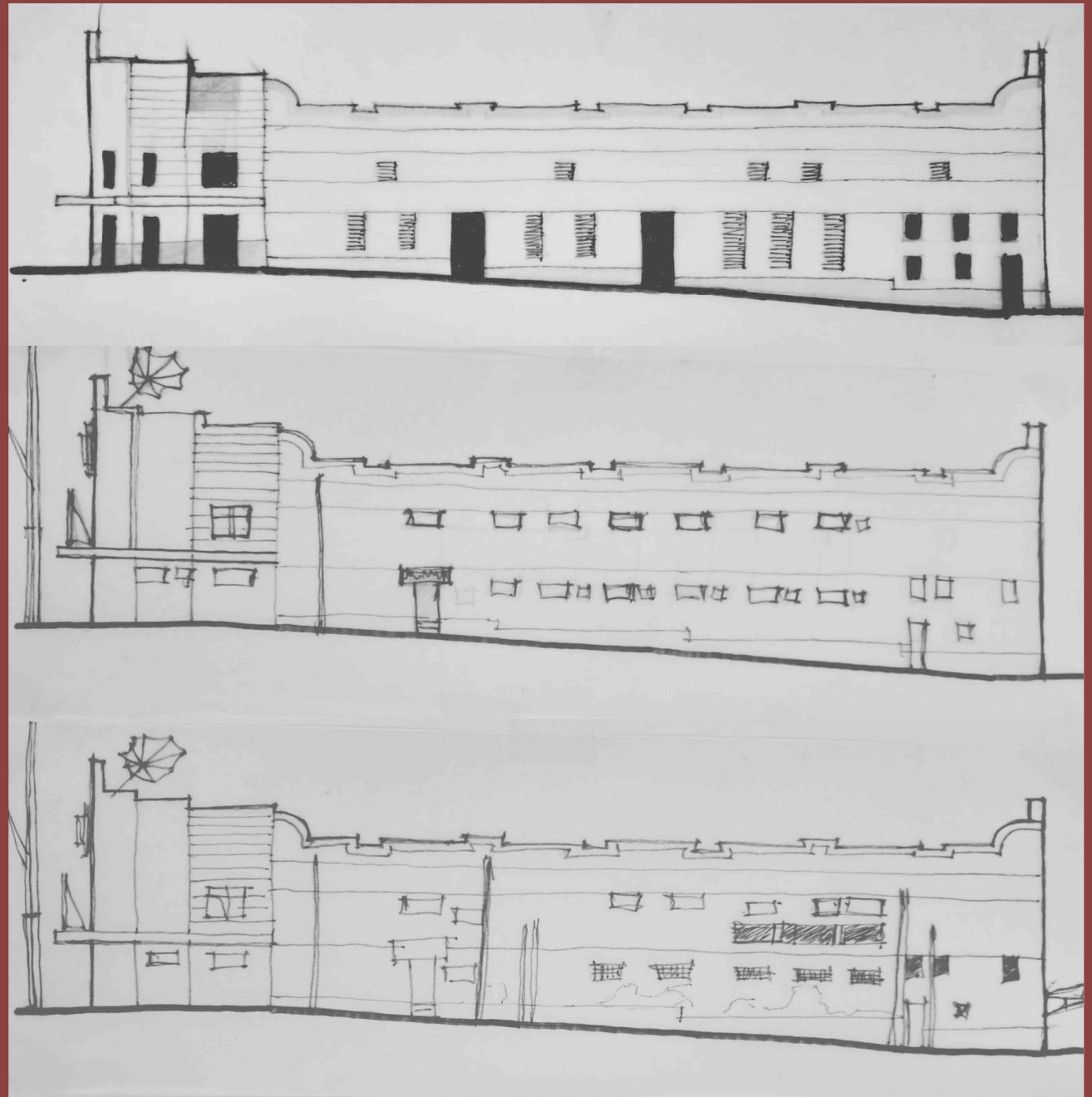




Figura 44: Coletivos e eventos de cinema em Arcoverde

Fonte: Sesc Arcoverde/ CineRuaPE/ Cine Arcoverde. Colagem elaborada pela Autora.

Problemática

Embora ambos os cinemas que outrora centralizavam a vida social e cultural da cidade tenham sido fechados, a paixão pela sétima arte ainda pulsa nas veias de Arcoverde, com a organização de grupos que lutam pela preservação e reabertura do cinema na cidade. Alguns destes grupos são o COCAR (Coletivo Cultural de Arcoverde), que desenvolveu o livro “História do Cinema Bandeirante” junto a José Leite Duarte “Rocky Lane”, o Movimento Amigos do Cinema Rio Branco, organizado após o fechamento da sala centenária, o grupo Cine Arcoverde, que organiza a Mostra de Cinema Independente de Arcoverde, o Movimento CineRuaPE, que colaborou na reabertura do Cine Rio Branco, entre outros cineclubes e cineastas da cidade.

Estes coletivos, formados por arcoverdenses de várias gerações, com apoio da Secretaria de Cultura, organizam oficinas, masterclass, debates e mostras de cinema, que atualmente acontecem em espaços improvisados na Praça Winston Siqueira, ao lado do CECORA, na Estação da Cultura (antiga estação ferroviária) ou online. Além disso, também acontecem eventos organizados pelo SESC, como a Mostra SESC de Cinema, Festival Varilux de Cinema Francês, Cine Sesc, etc.

Enquanto o antigo cinema da Praça da Bandeira e o centenário Cinema Rio Branco sucumbem à indiferença e ao esquecimento, nos últimos anos, para vários arcoverdenses, em contrapartida às ações de valorização da cultura do cinema de rua que vimos anteriormente, a pouca esperança de um novo cinema na cidade se resume à construção “milagrosa” de um shopping, tão distante do centro quanto os novos atacadões de abastecimento da cidade. A discussão sobre a chegada do shopping na cidade acontece desde 2016, apenas em 2018 o Grupo GR Shopping assinou a escritura do terreno na margem da BR 232, e tinha previsão de inauguração em 2021. Em 2024, a obra ainda permanece em fase inicial, tendo apenas um estacionamento.

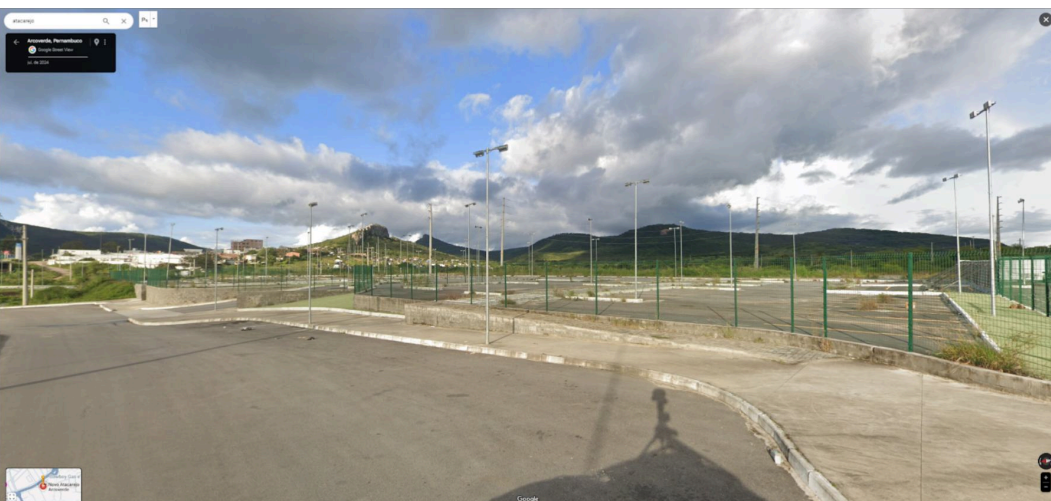


Figura 45: Terreno do futuro shopping de Arcoverde
Fonte: Google Maps

Esse contraste entre a mobilização para manter viva a memória do cinema em Arcoverde e a postura derrotista à espera de um shopping, demonstra as contradições entre um passado culturalmente rico e um presente marcado pela perda de identidade e memória do espaço.





CINE BANDEIRANTE E SEU ENTORNO HOJE

O entorno

No mapa a seguir destacam-se a Zona de Desenvolvimento Econômico I (ZDE-I), delimitada no Plano Diretor de 2021, as principais vias do município, a BR 323 e a área de estudo. A ZDE-I configura o centro econômico da cidade, com as principais áreas de comércio e serviços, como o eixo da Av. Antônio Japiassu, caracterizadas pela tipologia de galerias sombreadas. Além disso, é possível observar a proximidade do recorte às principais vias da cidade, e sua posição privilegiada no bairro do Centro.

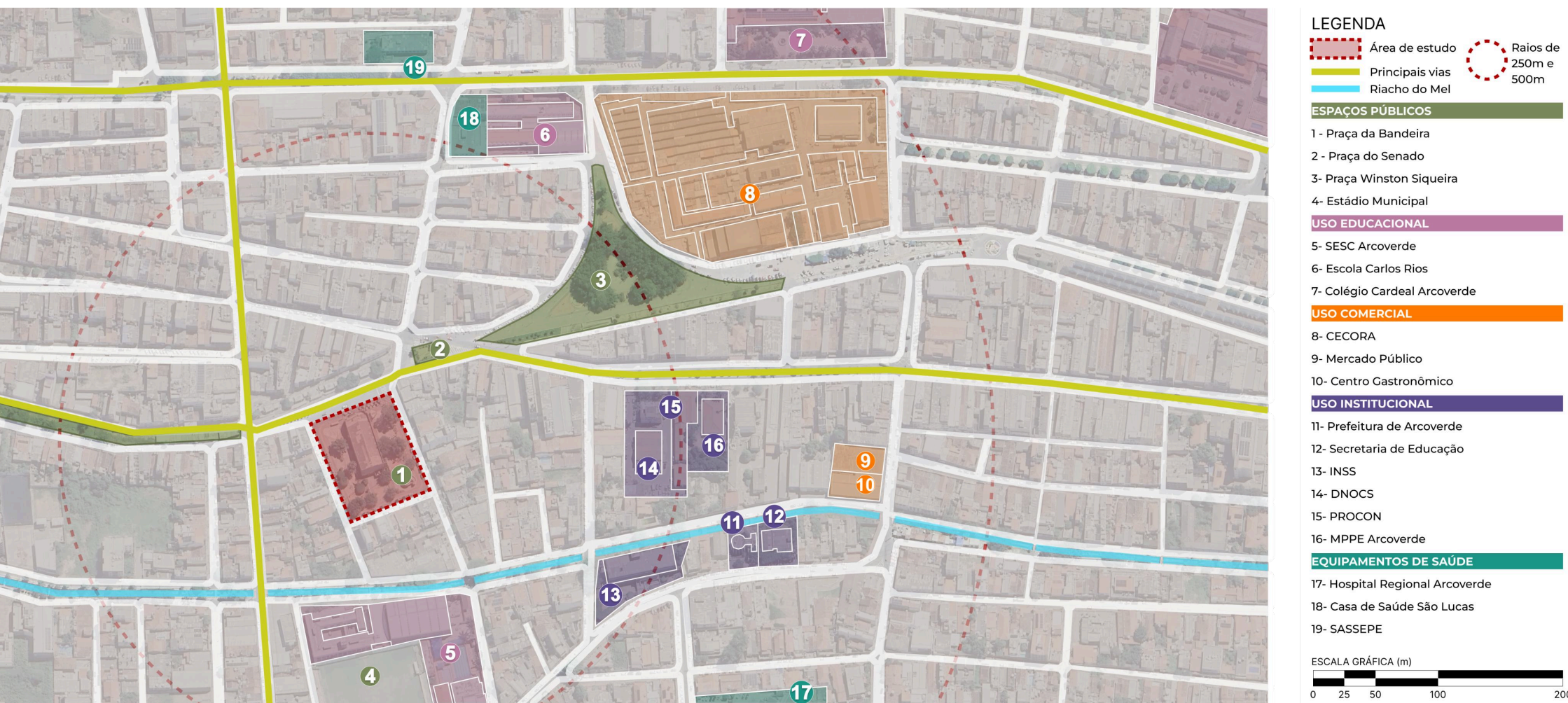
Figura 47: Zona de Desenvolvimento Econômico I e principais vias

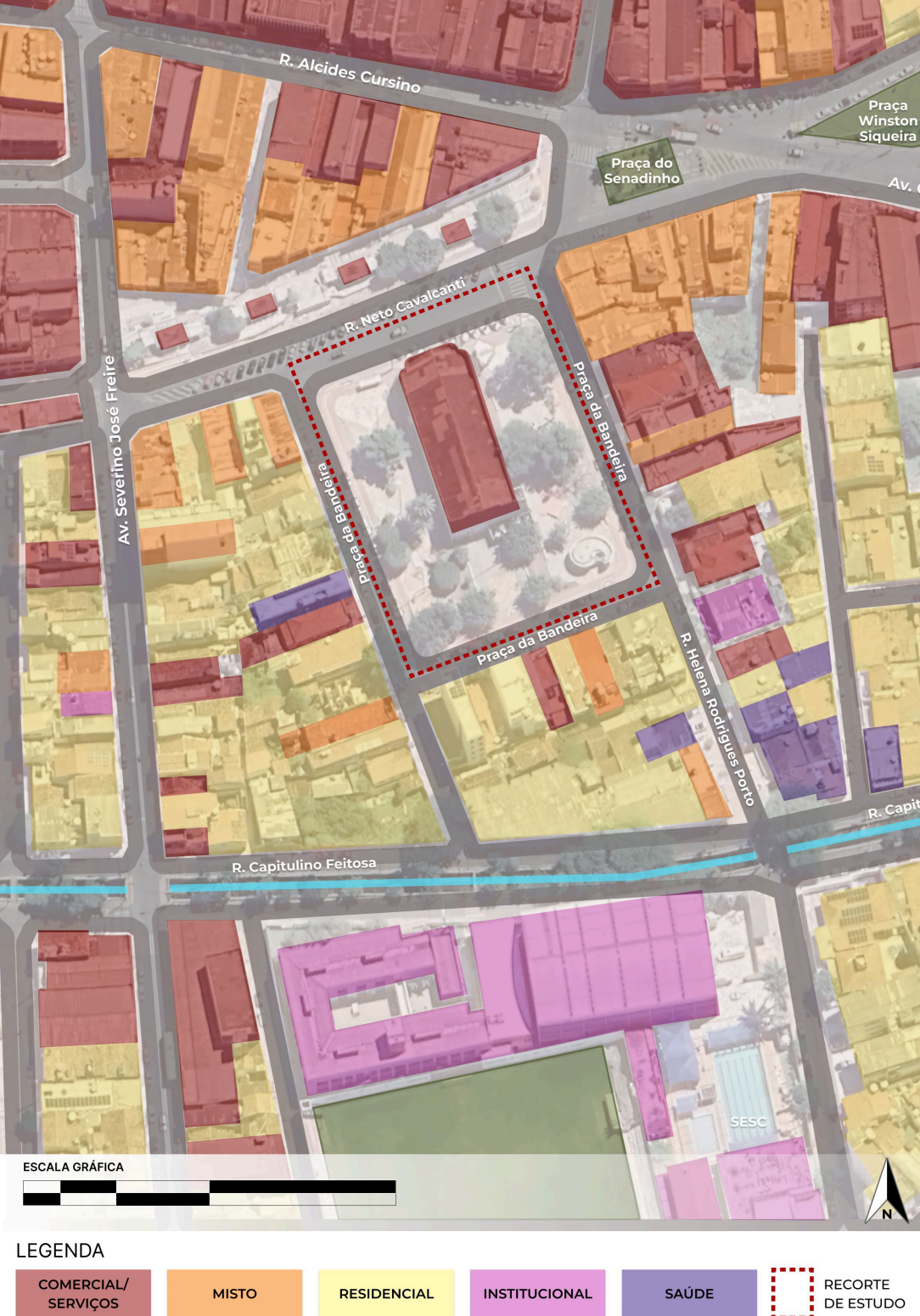
Fonte: Elaborado pela autora



Em um raio de apenas 500 metros do antigo Cine, estão localizados vários dos principais equipamentos institucionais, educacionais e comerciais de Arcoverde, incluindo por exemplo, a Prefeitura, o SESC, Ministério Público e o CECORA (Centro Comercial Regional de Arcoverde), que atrai centenas de feirantes e consumidores da região todas as semanas. Nesta área também encontramos as escolas EREM Carlos Rios, Colégio Cardeal Arcoverde (ensino fundamental e médio) e os serviços de ensino do SESC, com ensino infantil, fundamental, EJA e cursos preparatórios de vestibulares.

Figura 48: Mapeamento dos principais equipamentos à 250 e 500m da área de estudo
Fonte: Elaborado pela autora





Aproximando a análise para o entorno imediato da praça, notamos a concentração de comércio, serviços e uso misto, principalmente ao norte e leste do Bandeirante. Ao oeste e sul o uso residencial é mais presente neste recorte, com casas de gabarito baixo, com até dois pavimentos, ou pequenos prédios residenciais de até quatro pavimentos na Av Severino José Freire.

Figura 49: Mapa de usos da área de estudo
Fonte: Elaborado pela autora.



Como comentado anteriormente, a Praça da Bandeira possui um caráter boêmio, com grande concentração de bares, lanchonetes, restaurantes e cafés, distribuídos nas edificações a norte e leste da praça e nos quiosques da parte mais alta da Rua Neto Cavalcanti. Aos finais de semana as ruas são movimentadas com grupos de jovens, famílias passeando com as crianças, grupos que voltam das missas e cultos, e os frequentadores fieis dos bares mais tradicionais. A praça também conta com um ponto de ônibus, banheiros públicos, o Coreto e algumas áreas de permanência

Figura 50: Mapeamento das edificações com bares, cafés e restaurantes no térreo, no entorno da Praça da Bandeira
Fonte: Elaborado pela autora.

O palco principal das festas de São João é montado no final da Rua Neto Cavalcanti, à direita da edificação histórica ficam os camarotes, à esquerda ficam as barracas de comidas típicas e fast food, em frente ao Bandeirante acontece a aglomeração dos diversos shows que atraem anualmente milhares de turistas e moradores da região, ocupando as ruas e becos desde a Praça da Bandeira até a Praça Winston Siqueira.

Figura 51: Vista aérea da Praça da Bandeira durante as festas de São João
Fonte: Blog Nill Júnior



Situação atual da edificação e da Praça da Bandeira

Embora o Cine tenha sido construído com a estética protomodernista com traços inspirados na vertente aerodinâmica¹ do estilo Art Déco, o método construtivo utilizado foi a alvenaria estrutural, com paredes espessas de grandes blocos cerâmicos artesanais e argamassa de cal, enquanto a tendência nas construções Déco e modernas do final da década de 1940 já era a utilização de estruturas em concreto armado. Apenas a marquise do antigo cinema foi construída em concreto armado, e esta apresenta danos causados pela umidade e corrosão da ferragem em alguns pontos. Na fachada principal observamos que os ornamentos geométricos e a maioria das aberturas estão em sua forma original, com exceção da entrada e das antigas janelas da bilheteria, cujas aberturas foram aumentadas e transformadas nas vitrines e portão da loja atual. Além disso, existem vários elementos espúrios como aparelhos de ar-condicionado, letreiros, fiações aparentes.



Figura 52: Fachada principal do Cinema atualmente
Fonte: Matéria do Tempo

As fachadas laterais apresentam mais danos e mudanças evidentes, os elementos vazados verticais e saídas laterais que existiam foram fechados com alvenaria, além disso foram abertas algumas janelas altas compridas com grades no exterior, que não estabelecem nenhuma relação de composição na fachada atual. O lado oeste da edificação, onde estão localizados as áreas de serviço, área técnica dos aparelhos de ar condicionado e cozinha do bar, apresenta ainda mais danos, com a instalação de postes muito próximos à parede, várias janelas gradeadas, grandes áreas com descolamento de pintura, destacamento de argamassa, tijolos cerâmicos expostos e algumas fissuras.



Figura 53 Fachada oeste
Fonte: Acervo pessoal



Figuras 54, 55, 56, 57: Principais danos das fachadas
Fonte: Acervo pessoal

Ademais, pode-se observar danos como descolamento de reboco, alvenaria de barro exposta, descascamento da pintura (Figuras 54 e 55) , oxidação de ferragens na marquise, elementos espúrios como canos, eletrodutos e postes de energia instalados rentes às paredes (Figuras 56 e 57).

A descaracterização do antigo Cine Bandeirante é mais evidente no interior da edificação, onde restam poucos elementos da configuração original. O piso onde ficavam as cadeiras do cinema, que acompanhava o declive da praça, foi nivelado com a calçada

da entrada principal, o vão livre do salão foi tomado pela estrutura em concreto armado das lajes dos andares construídos para estoque (Figuras 58 e 59).

O espaço onde hoje existe o bar, nos fundos da edificação já existia no período de sua construção, funcionando como a Rádio Cardeal, mas as aberturas laterais e da fachada sul foram alteradas. Pode-se estimar que a laje construída para o estoque se estenda até o espaço onde ficava a tela de projeção, nos fundos da loja, e que o vão foi mantido (Figura 60).



Figura 58: Entrada da Lojas Americanas
Fonte: Acervo pessoal



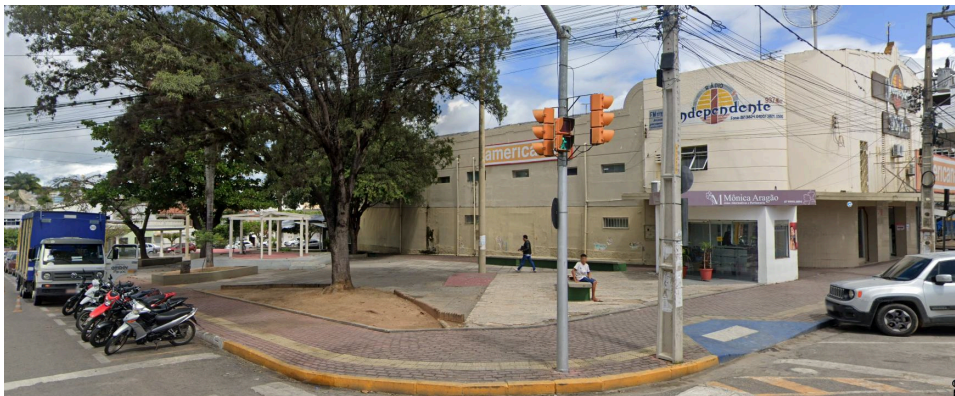
Figura 59: Escada de acesso ao estoque
Fonte: Acervo pessoal



Figura 60: Fundos da loja com pé direito duplo
Fonte: Acervo pessoal

Figura 61: Canto esquerdo da Praça da Bandeira

Fonte: Google Street View



A Praça da Bandeira apresenta um traçado geométrico com piso intertravado e placas de concreto, porém os caminhos marcados pelo piso apenas delimitam as calçadas e a circulação das laterais do prédio da Americanas. O desenho não direciona o transeunte a áreas de permanência, atividades da praça ou mobiliário urbano.

O lado leste da praça (Figura 61) recebe o fluxo de pessoas vindas do comércio da cidade e dos bares e restaurantes do entorno, servindo como ponto de encontro para os usuários.

Na área ao sul da praça (Figura 62) estão o coreto e o All Black Bistrô, bar que funciona na nos fundos do prédio estende suas atividades para a praça, ocupando-a com mesas e apresentações musicais. O Coreto, é palco de alguns eventos pontuais, com apresentações de grupos de samba de côco, maracatu, batalhas de rap, eventos religiosos, entre outros.



A área oeste da praça (Figura 63) é menos movimentada e possui um mobiliário urbano em péssimas condições de uso, com bancos quebrados, um pequeno coreto com danos estruturais e alguns platôs distribuídos ao longo do vazio. Este espaço também possui poucas áreas sombreadas, o que dificulta sua ocupação durante o dia.



Figura 63: Lado oeste da Praça da Bandeira

Fonte: Google Street View

A respeito da integração do prédio com a praça atualmente, pode-se afirmar que, o Gigante encontra-se apagado, sua presença no espaço público mais parece uma barreira entre os dois lados da praça. É possível notar estas diferenças principalmente na vida noturna do Bandeirante. À esquerda da edificação, onde concentram-se mais bares e restaurantes o fluxo de pessoas é maior e a praça é mais iluminada, já à direita do antigo cinema, onde predomina o uso residencial, consultórios e algumas lojas, o baixo fluxo de pessoas junto a iluminação pública insuficiente causam nos transeuntes uma sensação de insegurança.

Durante o dia, o baixo fluxo de pessoas na Loja Americanas destoa do principal eixo do comércio varejista da cidade. Um dos motivos para o fenômeno observado é o crescimento das compras online, intensificadas nos últimos anos principalmente após a pandemia do COVID-19. Observa-se uma mudança de comportamento do consumidor, e uma queda drástica no fluxo de clientes na filial de Arcoverde. A presença da loja no antigo Cine Bandeirante e a falta de políticas efetivas de preservação e valorização do patrimônio edificado da cidade contribuem para o apagamento da memória do lugar, transformando-o em apenas mais uma entre centenas de lojas estandardizadas que se encontram em shoppings ou galpões.



Figura 64: Vista da edificação e Praça da Bandeira no período noturno
Fonte: Acervo pessoal



Figura 65: Fachada do Teatro Polytheama
Fonte: Acervo Brasil Arquitetura

INTERVIR EM UM BEM DE VALOR CULTURAL

Através do referencial teórico estudado, foram analisadas as posturas ao intervir no patrimônio, focando mais em estratégias projetuais do que especificamente em teorias do Restauro ou da Conservação Integrada, afim de embasar as decisões projetuais, tomando como referência os estudos de caso analisados pelos autores e as classificações dos tipos de intervenções projetuais desenvolvidas pelos mesmos.

Francisco de Gracia (1992), em seu livro *Construir en lo Construido: La Arquitectura como Modificación*, busca classificar os tipos de intervenções arquitetônicas e urbanísticas no patrimônio construído. O autor desenvolve uma nomenclatura e método de análise sistemático para classificar projetos de restauro, requalificação ou ampliação de edificações e conjuntos históricos, realizados nas últimas décadas do século XX. De Gracia dividiu esta “ação modificadora” em três etapas: os níveis de intervenção, os padrões de atuação e as atitudes frente ao contexto. O autor discorre sobre os limites da atuação do arquiteto frente ao patrimônio e define então três níveis de intervenção: a modificação circunscrita, a modificação do locus e o padrão de conformação urbana.

Modificação Circunscrita: Intervenção realizada no interior da edificação, incluindo a ampliação da área construída, tanto pela construção de novos pavimentos internamente, ou cobertura de pátios. Também incluindo a reconstrução literal de edificações demolidas

Modificação do Locus: Intervenção que modifica o caráter da edificação e sua relação no entorno, alterando o *genius loci* (espírito do lugar)

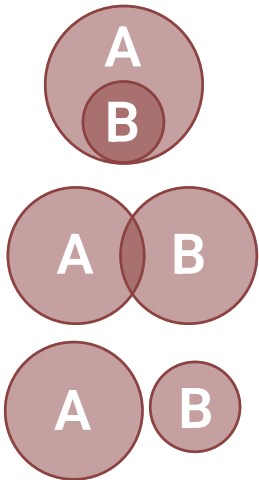
Padrão de Conformação Urbana: Intervenção morfológica, com alteração de vias, padrão de ocupação de quadras, onde o autor inclui tanto as construções de novas edificações num conjunto, quanto planos urbanísticos como o *Plan Voisin* de Le Corbusier, ainda que as escalas de intervenção nos exemplos citados sejam tão discrepantes.

Além dos níveis de intervenção, De Gracia fala sobre os Princípios das Intervenções, onde ele descreve as possíveis relações formais entre as intervenções e as preexistências, definindo 3 princípios:

Inclusão: A ação projetual ocorre no interior da edificação preexistente, como na reutilização de ruínas onde são conservadas as paredes externas, construção de pavimentos e estruturas e internos.

Intersecção: O projeto estabelece uma integração entre o existente e o construído, neste princípio estão inclusos os projetos de ampliação, conexão de edifícios, construção de pavimentos subterrâneos e anexos que se interseccionam com o existente.

Exclusão: São os casos onde o conjunto existente e a proposta edificações separadas, onde o projeto busca elementos do contexto para estabelecer uma relação visual, através da materialidade, ritmo, volumetria, cor, etc,



O pesquisador Nivaldo Vieira de Andrade (2006), em sua dissertação, se propõe a desenvolver uma classificação própria, tomando como ponto de partida os níveis de intervenção de De Gracia, mas com um olhar crítico aprofundado sobre alguns pontos equivocados nas definições do autor, como por exemplo a inclusão de casos de reconstruções na categoria de “Modificação Circunscrita”. Nivaldo utiliza o termo “metamorfose arquitetônica” ao tratar das intervenções que transformam as edificações históricas, em maior ou menor escala, classificando-as em “Tipos de Intervenção”. A classificação de Nivaldo apresenta semelhanças com os conceitos de De Gracia, porém sistematiza de forma mais

específica os diferentes contextos das intervenções e a relação do objeto arquitetônico com seu entorno. Os Tipos de Intervenção são os seguintes:

| Modificação interna de edificações preexistentes | | |
|--|--------------------------------------|-----------------------------------|
| ATUALIZAÇÃO FUNCIONAL OU RENOVAÇÃO | ADAPTAÇÃO A NOVOS USOS OU RECICLAGEM | AMPLIAÇÃO INTERNA |
| Modificação externa de edificações reexistentes | | |
| ATUALIZAÇÃO SIMBÓLICA OU RESTYLING | AMPLIAÇÃO EXTERNA | UTILIZAÇÃO DE RUÍNAS |
| Modificação em contextos preexistentes | | |
| ANEXO | | EDIFÍCIO EM CONTEXTO PREEXISTENTE |

Nivaldo inclui na “Atualização Funcional ou Renovação” as intervenções onde “a função do edifício histórico é mantida, porém é necessário realizar algumas alterações visando atender a novas demandas” (ANDRADE, 2006. p 44.). Esta categoria abrange desde os projetos mais discretos, até a remodelação completa do interior da edificação histórica.

Compreendendo estes conceitos, a proposta desenvolvida nesse trabalho, seguirá o princípio da Inclusão de Francisco De Gracia e a Atualização Funcional de Nivaldo, visto que o objetivo do anteprojeto é a atualização do uso atual e resgate do uso original do Cine Bandeirante. Além disso, as paredes externas serão mantidas e será necessária transformação interna do antigo Cine para acomodar os usos contemporâneos e adequar a edificação às normas técnicas.

Referências Projetuais

As referências projetuais estudadas no desenvolvimento do projeto foram escolhidas de acordo com o uso, abordagem projetual e escala. O primeiro estudo de caso é a requalificação e expansão do Teatro Polytheama em Jundiaí, assinado pelos arquitetos do Brasil Arquitetura. O segundo projeto analisado é o Cinema Grand Palais, em Cahors, na França, um projeto de um novo cinema praça num antigo estacionamento, inserido em um conjunto de edificações históricas. A última referência projetual é o Cine Passeio, em Curitiba, citado anteriormente no primeiro capítulo.

Estes projetos se relacionam também com o referencial teórico abordado neste trabalho, que guiará o anteprojeto do Cine Bandeirante. Podemos classificar a intervenção do Teatro Polytheama e do Cine Passeio como casos de Modificação Circunscrita, segundo Francisco de Gracia, e “Atualização Funcional ou Renovação” segundo Nivaldo de Andrade.

Teatro Polytheama

JUNDIAÍ

O Teatro Polytheama, inaugurado em 1911, foi criado como um pavilhão para receber espetáculos teatrais e circenses em Jundiaí. Em 1928 o pavilhão passa por uma ampliação, com a construção de um novo pavimento, e se torna um luxuoso e moderno teatro de estilo eclético. O Polytheama teve 40 anos de funcionamento, até o seu fechamento e abandono (SANTOS, 2005).

Diante da situação de abandono do Teatro, em 1986 Lina Bo Bardi coordena a primeira tentativa de recuperação do edifício, junto a André Vainer e Marcelo Ferraz. O projeto original de Lina tinha o objetivo de resgatar o caráter original do teatro. (SANTOS, 2005). A requalificação do Polytheama foi finalmente retomada pelo escritório Brasil Arquitetura, cujo projeto manteve grande parte das ideias iniciais de Bo Bardi.

Figura 66: Fachada do Polytheama antes da reforma
Fonte: Acervo Brasil Arquitetura



Figura 67: Fachada do Polytheama após a intervenção
Fonte: Acervo Brasil Arquitetura

A fachada eclética é mantida e restaurada, sendo pintada na cor branca para que o volume dos elementos decorativos sejam destacados com luz e sombra. É instalada uma marquise metálica com cobertura de vidro, destacando a entrada gerando o contraste entre o antigo e o novo. No recuo lateral do prédio é construído um anexo em concreto aparente, onde se concentram as circulações verticais, conectadas ao teatro por passarelas.

O interior do salão passa por uma remodelação quase completa, e o novo teatro retoma o formato de ferradura que existia antes, utilizando materiais contemporâneos que contrastam com a alvenaria exposta das paredes originais. As janelas que existiam foram fechadas com tijolos da própria demolição, dando uma marcação sutil da preexistência (Figura 71).



Figura 68: Fachada com a nova marquise metálica
Fonte: Acervo Brasil Arquitetura



Figura 69: Circulação dos balcões do teatro, com a marcação
Fonte: Acervo Brasil Arquitetura

O projeto do Brasil Arquitetura é citado por Andrade como um exemplo de Atualização Funcional/ Renovação, onde o novo teatro utiliza apenas as paredes externas existentes:

“Situação semelhante ocorreu com o Teatro Polytheama em Jundiaí, no interior de São Paulo. Construído em 1911 e fechado desde 1968, passou por uma intervenção realizada pelo escritório Brasil Arquitetura (1995-97), que na realidade consistiu na construção de uma sala de teatro absolutamente contemporânea, com a utilização das tecnologias mais avançadas, dentro da casca do teatro preexistente”.. (ANDRADE, 2006)

A intervenção traz um caráter contemporâneo ao interior da edificação histórica, ao mesmo tempo que ressalta seus elementos originais,

Figura 70 e 71: Interior do Teatro Polytheama em ruínas nos anos 80
Fonte: Acervo Brasil Arquitetura

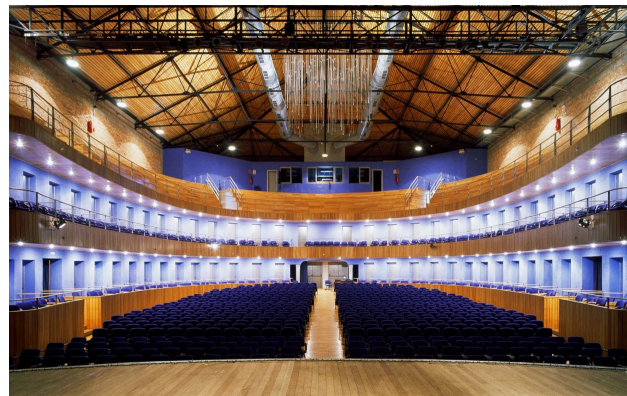
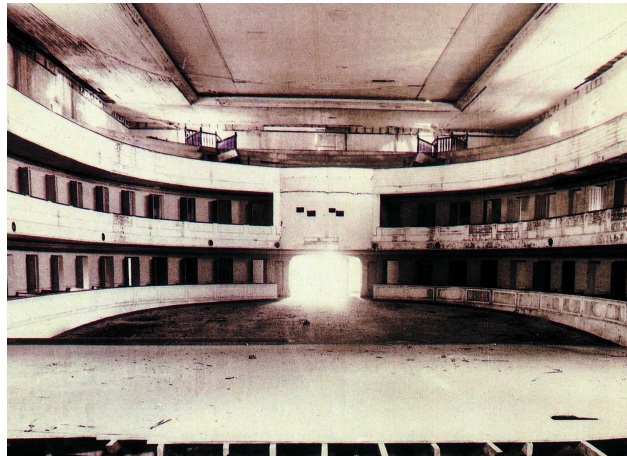


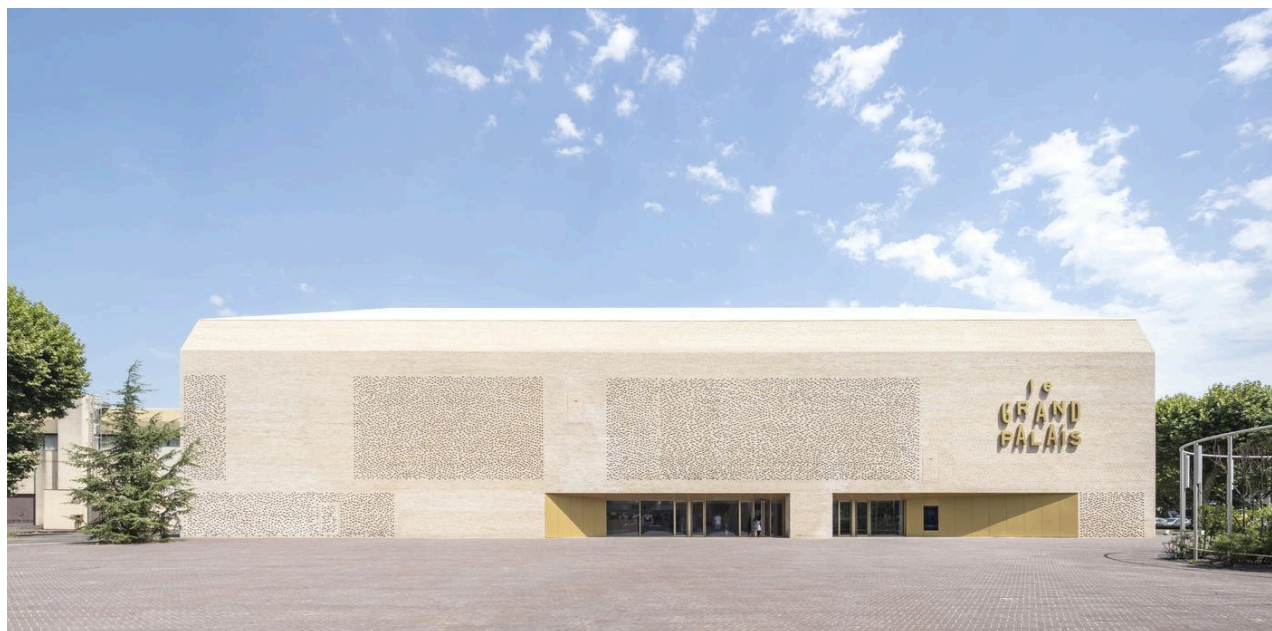
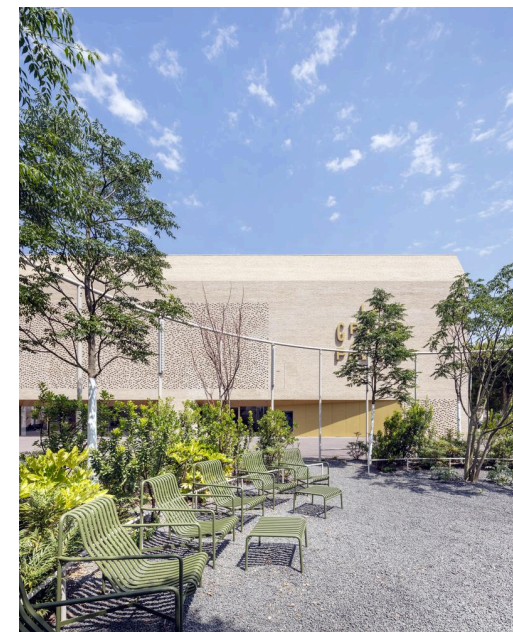
Figura 72 e 73: Interior do Teatro Polytheama após o projeto do Brasil Arquitetura
Fonte: Acervo Brasil Arquitetura

Cinema Grand Palais

CAHORS, FRANÇA

O Cinema Grand Palais, projeto do escritório Antonio Virga Architecte, está localizado em um conjunto histórico de prédios do exército no centro da cidade, em um espaço que servia como um estacionamento, que deu lugar a uma nova praça. A edificação se relaciona com o contexto das edificações históricas preexistentes, através do gabarito e da forma, fazendo o contraponto através da materialidade, sendo composto por dois volumes contrastantes, um de tijolos, com partes vazadas, e o outro com fachadas de chapas metálicas douradas. (Antonio Virga Architecte, 2017)

Figura 74, 75 e 76: Vistas externas do Grand Palais
Fonte: Archdaily, fotografias de Luc Boegly



Figuras 77: Vista da praça do Cinema Grand Palais
Fonte: Archdaily, fotografias de Luc Boegly



O interior do edifício recebeu um tratamento minimalista, com grandes áreas de estar e circulação vertical, materiais claros e elementos vazados que abrem a vista para o exterior. As 7 salas de cinema recebem destaque apenas no detalhe da cor azul das portas.

Embora a escala do projeto seja maior e com um programa de Multiplex, as proporções e volumetria do Grand Palais, inserida no centro desta praça seca remete à implantação e ao volume monolítico do Cine Bandeirante, servindo de inspiração para o tratamento das fachadas e o jogo com os elementos vazados em uma grande parede cega.



Figuras 78 e 79: Vistas internas do Grand Palais
Fonte: Archdaily, fotografias de Luc Boegly

Cine Passeio

CURITIBA

O Cine Passeio, projeto de Mauro Magnabosco e Dóris Teixeira citado no capítulo 1 do trabalho, inclui em seu programa de necessidades 2 pequenas salas de projeção com capacidade para 90 pessoas, 1 sala para eventos e palestras, 1 sala de vídeo on demand disponível para aluguel, 1 sala de cursos, cafeteria, um coworking gratuito (o primeiro do país) e um terraço com área coberta e descoberta, sala de eventos, copa e banheiros (EVANGELISTA).

A reforma do cinema manteve a estrutura externa original do quartel, preservando as fachadas e utilizando a iluminação para dar destaque aos seus elementos estruturais e decorativos (Figura 80). As principais modificações foram concentradas no interior, com a construção de novos pavimentos, conectados por elevadores, escadas e passarelas.

No interior, um vazio central com claraboia de estrutura metálica (Figura 81) gera a sensação de amplitude e espaço aberto, permitindo a visibilidade dos ambientes do térreo e passarelas dos pavimentos superiores. As paredes originais internas receberam destaque ao expor alvenaria em alguns trechos.

Figura 80: Fachada do Cine Passeio
Fonte: SMCS, fotografia de Daniel Castellano

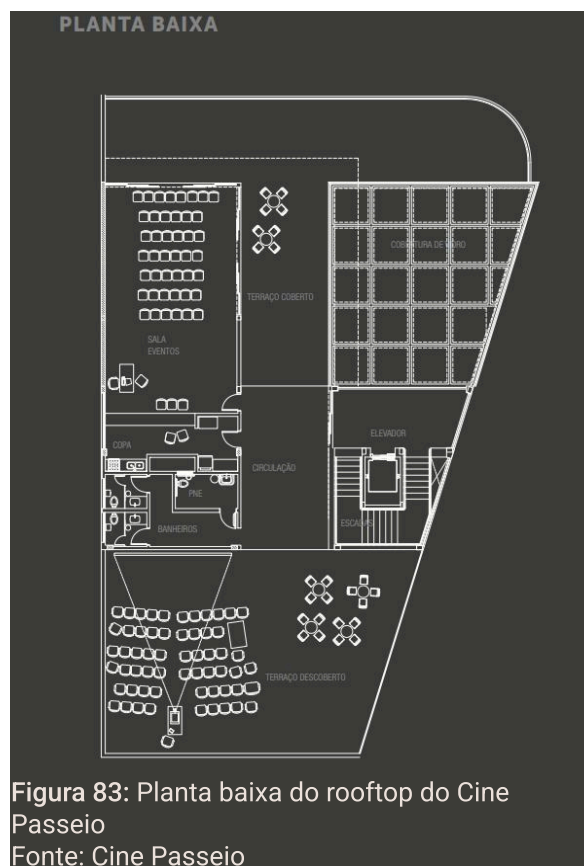
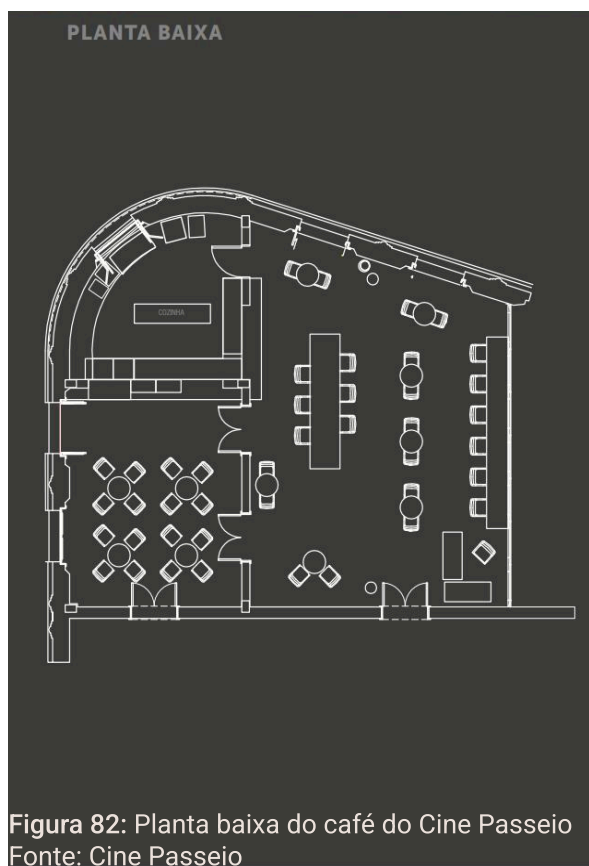


Figura 81: Interior do Cine Passeio
Fonte: Autor desconhecido



A postura de projetual é mais conservadora nas fachadas, porém a cobertura evidencia a intervenção contemporânea, com uma estrutura metálica e caixa de vidro visíveis no nível da rua. O andar da cobertura possui um terraço amplo usado como um local para exposições ao ar livre e eventos.

O programa de necessidades contempla diversas atividades realizadas no novo cinema, criando um novo espaço cultural na cidade. O Cine Passeio se consolidou na dinâmica da cidade, devolvendo à população, que até então havia perdido todas as salas de exibição, a experiência de “edifício-cinema”.



Os casos analisados neste capítulo apresentam abordagens projetuais interessantes para o desenvolvimento do anteprojeto do Cine Bandeirante, cada um em seu contexto, escala, materialidade e nível de intervenção. Algumas dessas características se destacam e podem ser aplicadas ao estudo, sendo elas:



Teatro Polytheama

- O restauro da fachada principal;
- Remodelação completa do interior do teatro, com materiais e soluções contemporâneas;
- Espaços internos com alvenaria original exposta;
- Uso de estruturas metálicas nos elementos de distinguibilidade da intervenção contemporânea.



Cinema Grand Palais

- Volume monolítico inserido em um vazio/ espaço público;
- Espaços internos amplos, com grandes áreas de permanência para o público, que se abrem para a praça do entorno;
- Composição da fachada com grandes aberturas, trechos de fachada cega e trechos com elementos vazados.

Figuras 84: Café e circulação vertical do Cine Passeio
Fonte: Cine Passeio



Cine Passeio

- Preservação da fachada original, valorizando os elementos decorativos do estilo Art Déco;
- Programa variado, combiando o uso do cinema a outros usos de apoio como o café, as salas de aula, terraço, coworking;
- Solução da claraboia para iluminação zenital, com espaços e circulações que se voltam para este vazio.

Figura 85: Croqui do prédio do Cine Bandeirante atualmente
Fonte: Elaborado pela autora



ESTUDO PRELIMINAR

A partir da análise do referencial teórico e projetual, inicia-se o processo de concepção da proposta, considerando a história do Cine Bandeirante, a integração do edifício com a praça e seu estado de conservação atual. O estudo preliminar parte da análise das limitações e potencialidades da edificação, topografia, condicionantes ambientais e legislação de Arcoverde.

CLIMA

A cidade está inserida no clima semiárido (BSh), caracterizado pela baixa umidade do ar e baixa precipitação. De acordo com a NBR 15220, Arcoverde está localizada na zona climática 7, onde as estratégias de condicionamento térmico são o sombreamento das aberturas, ventilação cruzada, o uso de paredes e coberturas com maior massa térmica, e o resfriamento pela evaporação de água (vegetação, espelhos d'água, fontes, etc).

POSTURA PROJETUAL

Como as paredes existentes do prédio já são grossas, com aproximadamente 50 centímetros de espessura, o resfriamento interno da edificação é facilitado.

Uma abertura zenital foi proposta para a iluminação interna dos espaços abertos, e a solução para que a luminosidade seja filtrada e que ventilação cruzada aconteça foi a criação de uma segunda pele de bloco cerâmico vazado, que segue a inclinação do telhado, criando uma camada com um material de bom desempenho térmico, coberto por placas translúcidas que impermeabilizem a cobertura.

Além disso é proposto o adensamento da vegetação da Praça da Bandeira, o aumento da área de solo natural permeável, com grandes canteiros ao longo da praça e um espelho d'água.

Tabela 19 — Aberturas para ventilação e sombreamento das aberturas para a zona bioclimática 7

| Aberturas para ventilação | Sombreamento das aberturas |
|---------------------------|----------------------------|
| Pequenas | Sombrear aberturas |

Tabela 20 — Tipos de vedações externas para a zona bioclimática 7

| Vedações externas |
|-------------------|
| Parede: Pesada |
| Cobertura: Pesada |

Tabela 21 — Estratégias de condicionamento térmico passivo para a zona bioclimática 7

| Estação | Estratégias de condicionamento térmico passivo |
|---------|---|
| Verão | H) Resfriamento evaporativo e massa térmica para resfriamento J) Ventilação seletiva (nos períodos quentes em que a temperatura interna seja superior à externa) |

NOTA Os códigos H e J são os mesmos adotados na metodologia utilizada para definir o zoneamento bioclimático do Brasil (ver anexo B).

Figura 89: Tabelas de condicionamento térmico para a Zona 7
Fonte: NBR 15220

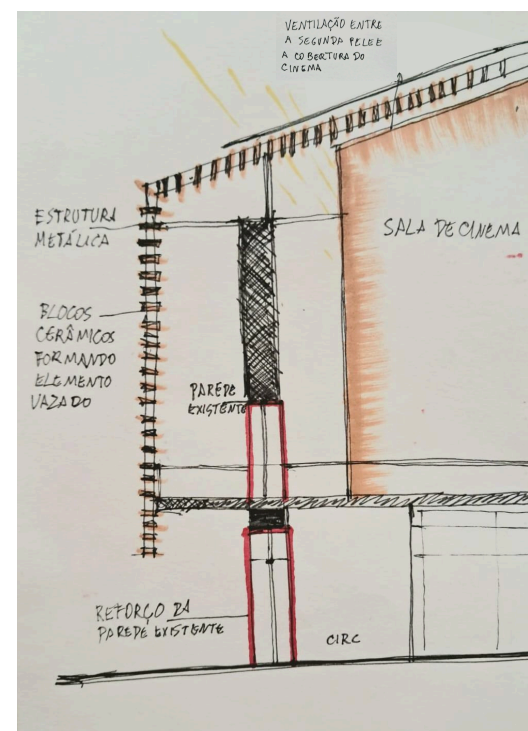
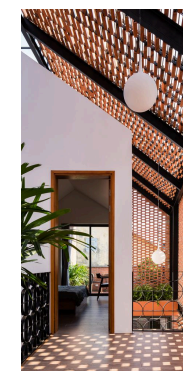
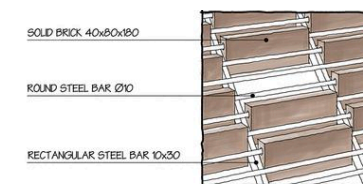


Figura 90: Croqui de um corte transversal mostrando a solução da cobertura e segunda pele
Fonte: Autoral

Solução similar é adotada no projeto Oldmeetsnew House do escritório Block Architects



Figuras 91 e 92: Solução de cobertura na Oldmeetsnew House
Fonte: Archdaily, Block Architects

RELEVO

A Praça da Bandeira fica localizada em uma área em declive, com o nível mais alto ao norte, e o declive seguindo na direção do Riacho do Mel ao sul. Esta característica afeta diretamente a edificação em seu centro, onde a diferença entre o nível da entrada principal e os fundos da edificação chega a aproximadamente 1,80m, gerando desafios na acessibilidade ao tentar integrar o interior do prédio por completo, bem como da fruição entre o edifício e os espaços de permanência e circulação da Praça.

POSTURA PROJETUAL

A inclinação da praça é tomada como partido para a solução interna dos ambientes no pavimento térreo, distribuindo o programa de necessidades em níveis diferentes, conectando-os por rampas de 5% de inclinação, tornando o percurso mais suave.

Os desníveis também são utilizados na criação das áreas da Praça da Bandeira, integrando o mobiliário urbano e algumas áreas planas

Figura 86: Croqui da fachada oeste da Loja Americanas

Fonte: Autoral

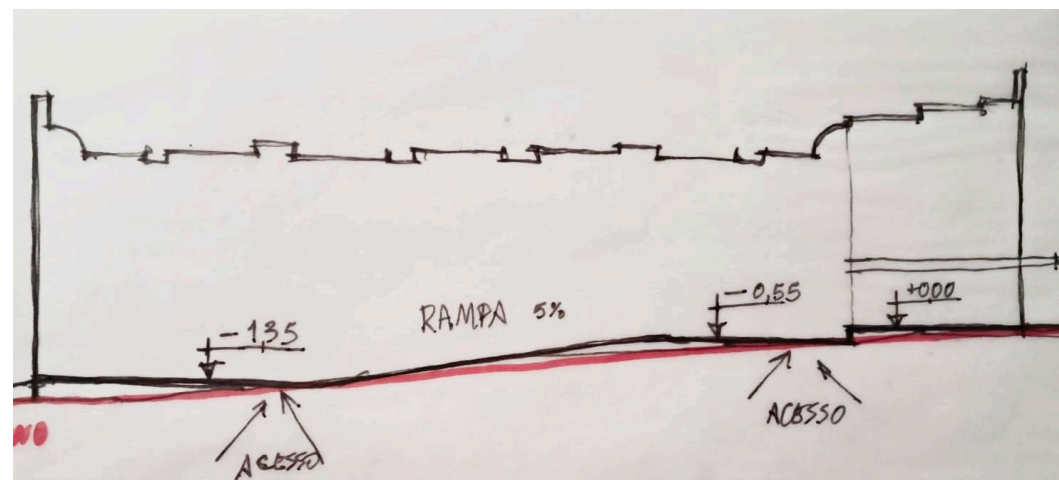
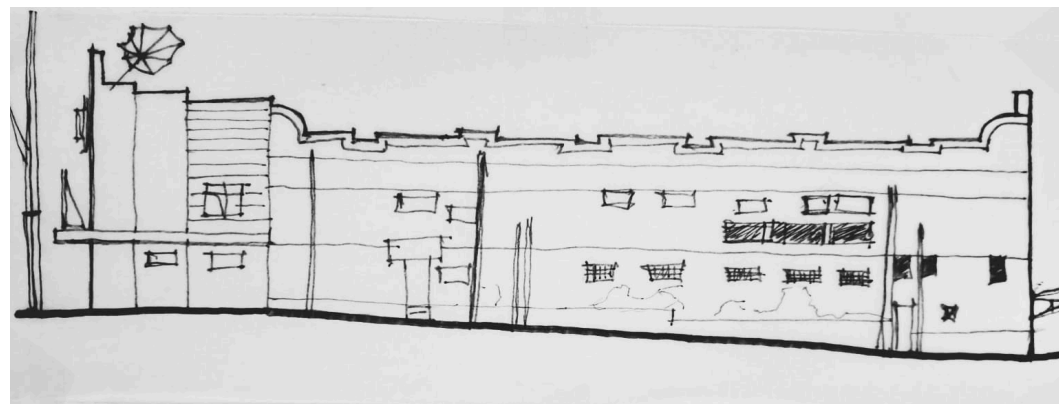


Figura 87: Esquema dos níveis internos da edificação

Fonte: Autoral

LEGISLAÇÃO

O primeiro Plano Diretor da cidade foi instituído pela Lei Ordinária Nº 2111, de 04 de Abril de 2007, e desde então sofreu apenas uma revisão e atualização com a Lei Complementar No 011, de 20 de Outubro de 2021. Ao comparar as duas leis, é possível observar que praticamente não houveram mudanças significativas nas diretrizes no âmbito da preservação do patrimônio construído, apenas alterações pontuais e expansão da lista de bens considerados Imóveis Especiais de Preservação, incluindo IEPs "modernos" e da área rural. As diretrizes para preservação estabelecidas pelo Plano Diretor de 2021 é a conservação dos seguintes aspectos tipológicos e construtivos:

- II. Fachadas, entendidas como as faces externas de uma edificação, voltadas para o logradouro público ou para os lotes vizinhos;
- III. Cobertas, compreendendo o material e a forma utilizados;
- IV. Materiais empregados na construção das edificações;
- V. Técnica construtiva. (LEI COMPLEMENTAR Nº 11, 20 DE OUTUBRO DE 2021)

A Lei também prevê que sejam desenvolvidas leis específicas de tombamento dos IEPs, porém, desde a instituição do Plano Diretor, o único bem tombado a nível municipal foi o Coreto da Praça da Bandeira.

As diretrizes de preservação do patrimônio presentes na legislação de 2021 ainda se mostram desatualizadas e reduzem o trabalho de conservação às técnicas de manutenção pontuais visando apenas a integridade formal do exterior dos edifícios, práticas amplamente discutidas e superadas por diversos teóricos

da conservação desde as críticas ao restauro estilístico de Viollet Le Duc. Ademais, a legislação não menciona atributos ou significância dos bens, assim como não apresenta direcionamentos para a documentação do patrimônio construído ou orientações para projetos de requalificação e reabilitação.

No momento não existem projetos futuros para a Praça da Bandeira ou para o prédio do Cine Bandeirante, porém existe o projeto para recuperação do Cinema Rio Branco, que encerrou suas atividades em 2017 e desde então encontra-se fechado para reforma, apresentando danos internos e riscos estruturais. Segundo o jornalista André Luís (2023), a Prefeitura de Arcoverde anunciou em 2023 a retomada da obra do cinema, após reinvidicação da população e grupos culturais.

POSTURA PROJETUAL

Para a adaptação funcional do edifício a proposta de intervenção precisaria ser um projeto especial, onde sejam flexibilizadas algumas diretrizes da legislação, para viabilizar o uso cultural e a maior integração do projeto com a praça, a fim de preservar o bem não apenas pela sua materialidade, mas também pelo seu uso e apropriação pela população.

A proposta desenvolvida neste trabalho volta o olhar para o Cine Bandeirante para criar novas perspectivas para o cinema em Arcoverde, ainda que seja mais viável para a Prefeitura retomar as obras abandonadas do Rio Branco mais uma vez.



Condicionantes Projetuais

Alguns dos fatores condicionantes que guiaram o estudo da proposta foram:

- A legislação, para compreender como o Planejamento Urbano de Arcoverde aborda a conservação do patrimônio edificado;
- O relevo da praça, que interfere na relação interior-exterior da proposta;
- O Clima Semiárido, cujas características demandam soluções de conforto ambiental adequadas para a região.

A partir destes pontos são adotadas posturas projetuais que se refletem na proposta volumétrica, materialidade e zoneamento do projeto do novo Cine Bandeirante.

Conexão com a Praça

Os novos acessos propostos para a edificação visam a conexão entre os dois lados da Praça da Bandeira, gerando percursos dinâmicos e novas áreas de estar.

Ao norte fica o acesso principal pela fachada histórica conservada, e os caminhos internos da edificação conduzem o passeio pelo prédio, com alguns respiros de aberturas para o verde do espaço público.

É proposto o adensamento vegetal ao sul, na área próxima ao bar nos fundos do prédio. As aberturas laterais a sul indicam a área de permanência em frente ao auditório, onde atividades podem acontecer dentro ou fora do limite do auditório (Figura 86).

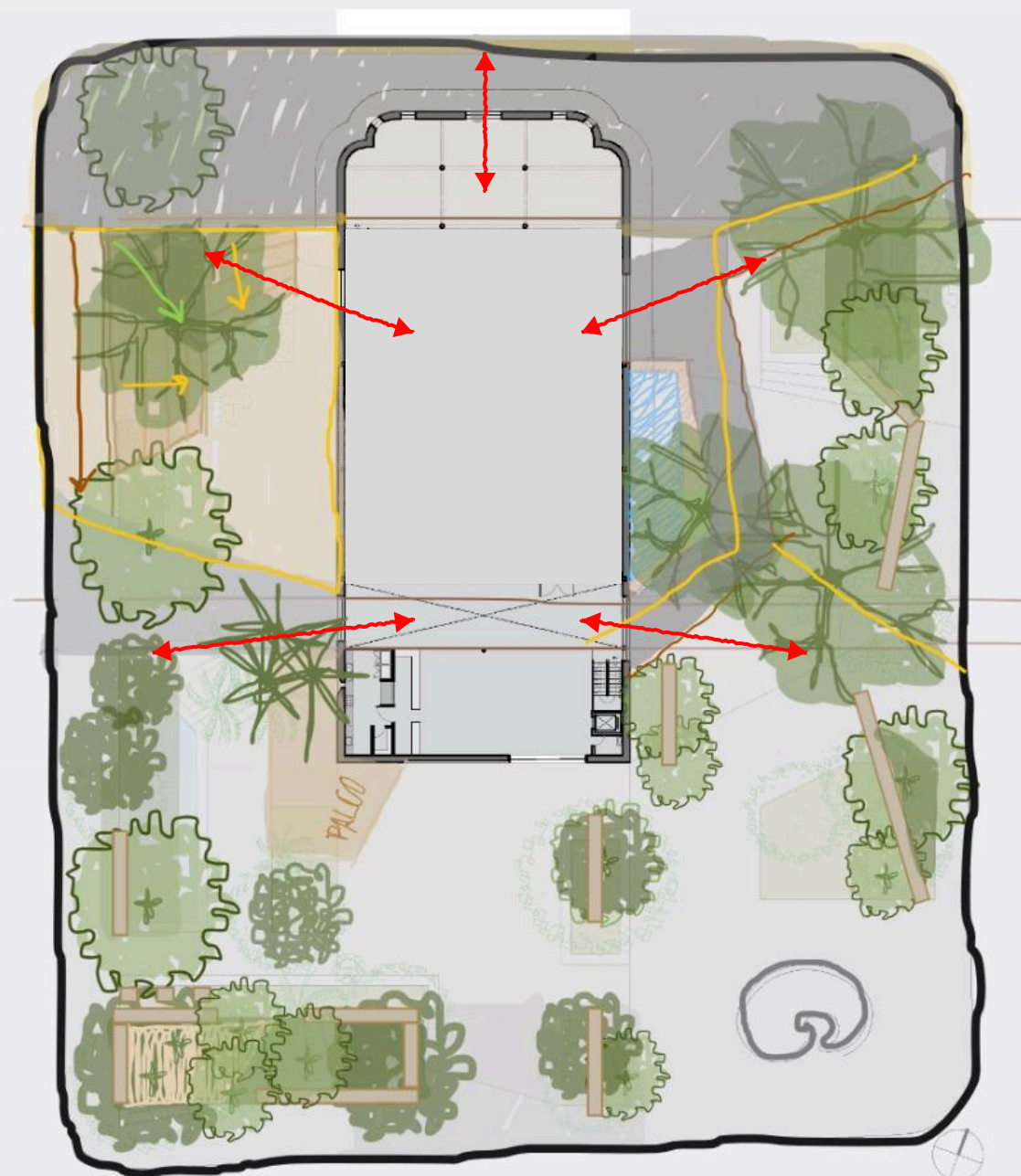


Figura 93: Croqui da proposta de intervenção na Praça da Bandeira e novas aberturas do prédio
Fonte: Autoral

ANTEPROJETO

Figura 95: Fachada principal do Anteprojeto do Cine Bandeirante
Fonte: Elaborado pela autora



Diretrizes Projetuais

Neste anteprojeto, é impossível dissociar o objeto arquitetônico do contexto urbano onde está inserido. Essa abordagem integrada entre o edifício e a praça torna-se ainda mais importante quando observamos a forma desconexa que o prédio se relaciona com a praça atualmente, onde o mesmo mais parece um obstáculo no centro da Praça da Bandeira. É preciso que a solução arquitetônica extrapole para o exterior, evidenciando a distinguibilidade do edifício e sua intervenção contemporânea, convidando o usuário a permanecer e ocupar este espaço público, de forma independente das atividades do cinema ou dos bares ao redor.

A intervenção na praça é essencial para a inserção deste novo equipamento cultural na cidade, de forma que as áreas internas e externas sirvam de apoio para as atividades dinâmicas do Bandeirante e do novo cinema.

Tomando como ponto de partida a integração com a praça, as principais diretrizes para o desenvolvimento do projeto de intervenção no Cine Bandeirante foram:

- Criar novos acessos da praça ao prédio do Cine Bandeirante à Praça da Bandeira;
- Propor espaços para as diferentes atividades da praça, criando áreas de eventos, projeções de cinema ao ar livre,, permanência e contemplação;
- Manter os elementos construtivos originais do cinema (paredes externas e pavimento da sala de projeção)
- Restaurar a fachada principal, esquadrias e elementos decorativos, removendo os elementos espúrios;
- Distribuir os espaços em níveis, seguindo o declive da praça;
- Criar grandes aberturas para iluminação e ventilação da edificação;
- Combinar os usos existentes da edificação e da praça aos novos usos propostos no projeto

Programa de necessidades

O programa de necessidades parte da combinação do programa mínimo do cinema (sala de exibição, cabine, foyer, bilheteria), com os usos existentes mantidos (bar e rádio) e os novo uso cultural, com o objetivo de tornar a edificação mais dinâmica e adaptável a diferentes usos e eventos. O programa do novo Cine Bandeirante busca conectá-lo ao espaço público e torná-lo um espaço de valorização da cultura e história arcoverdense, podendo servir como um apoio para as diversas atividades artísticas e eventos que já acontecem na cidade. Desse modo, a proposta viabiliza novas possibilidades de ocupação para o interior da edificação.

Os novos usos culturais propostos são uma galeria de exposição, que seria um espaço para exposição da história do cinema e da cidade, exposições e instalações temporárias e um auditório no térreo com capacidade para palestras, eventos e pequenas apresentações.

| PROGRAMA DE NECESSIDADES | |
|--------------------------|--|
| USO PÚBLICO | <ul style="list-style-type: none"> • FOYER • GALERIA DE EXPOSIÇÕES • MEZANINO • SALÃO |
| CINEMA | <ul style="list-style-type: none"> • SALA DE EXIBIÇÃO • SALA DE PROJEÇÃO • DEPÓSITO • ÁREA DE EQUIPAMENTOS • ARQUIVO |
| AUDITÓRIO | <ul style="list-style-type: none"> • AUDITÓRIO • ARMAZENAMENTO |
| RÁDIO | <ul style="list-style-type: none"> • RECEPÇÃO • ÁREA DE TRABALHO • SALA DE REUNIÃO • SALA DE GRAVAÇÃO • SALA DE CONTROLE • ARMAZENAMENTO • BANHEIRO |
| ADMINISTRAÇÃO | <ul style="list-style-type: none"> • RECEPÇÃO • ÁREA DE TRABALHO • SALA DE REUNIÃO • VESTIÁRIOS |
| SERVIÇO | <ul style="list-style-type: none"> • DEPÓSITOS • DML • BANHEIROS • VESTIÁRIOS |
| COMERCIAL | <ul style="list-style-type: none"> • BAR / RESTAURANTE • CAFÉ • LOJA |

Zoneamento

Os espaços e atividades do edifício foram distribuídos na planta de modo que um percurso seja criado, da entrada principal até o fundo da edificação, permitindo também novos acessos pelo espaço público.

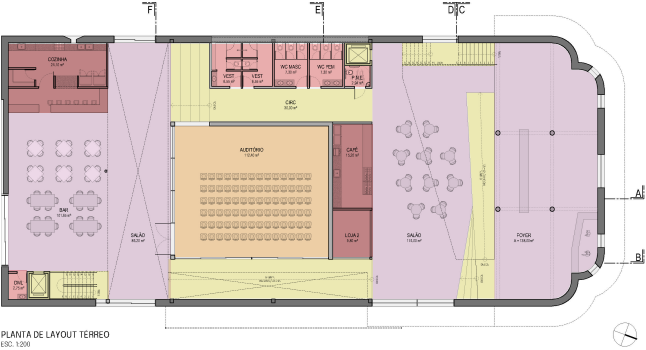
No pavimento térreo, as áreas de uso público localizam-se junto aos acessos da praça, como uma extensão do exterior do prédio, acolhendo os usuários do espaço. Neste primeiro momento estão o foyer e a bilheteria, que são conectados a um nível mais baixo através de uma rampa que leva à área da cafeteria. São criadas novas aberturas laterais que permitam a visibilidade da praça para o interior do prédio (Figura 96). Esta área é conectada aos fundos da edificação por uma circulação inclinada na lateral leste, levando o usuário ao amplo salão do bar e ao auditório. No lado oeste de edificação são concentradas as áreas de serviço e circulação vertical.

A sala de cinema fica no primeiro pavimento (Figura 97), com acesso por escada ou elevador pelo lado direito, e com chegada por uma passarela e mezanino que se voltam para um vazio, dando destaque ao volume do cinema. Em frente a sala de exibição está a galeria de exposições, no local que originalmente era a área de projeção do antigo cinema, e um balcão que se projeta em balanço para a praça, criando uma área de contemplação.

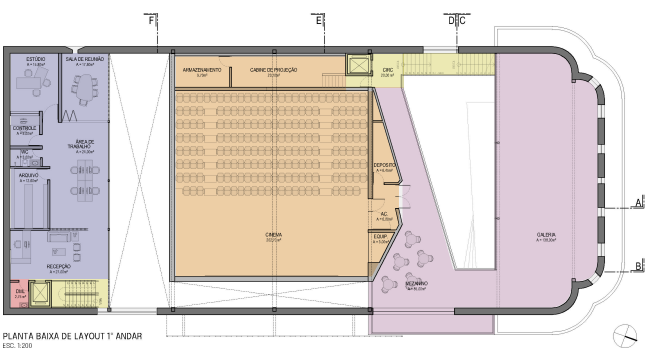
Aos fundos da edificação são dispostos o bar no térreo, a área administrativa no primeiro pavimento e a Rádio no segundo pavimento, com a circulação vertical, articuladas por elevadores e escadas no canto leste do prédio(Figura 85).

| | |
|-------------|--------------|
| USO PÚBLICO | CINEMA |
| SERVIÇO | AUDITÓRIO |
| COMERCIAL | RÁDIO |
| CIRCULAÇÃO | ADMNISTRAÇÃO |

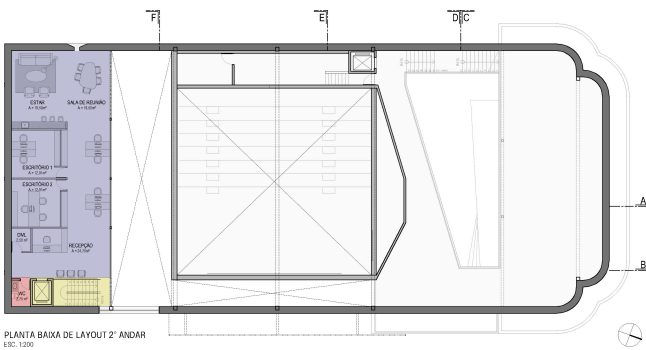
Figuras 96: Zoneamento do pavimento térreo
Fonte: Autoral



Figuras 97: Zoneamento do primeiro pavimento
Fonte: Autoral

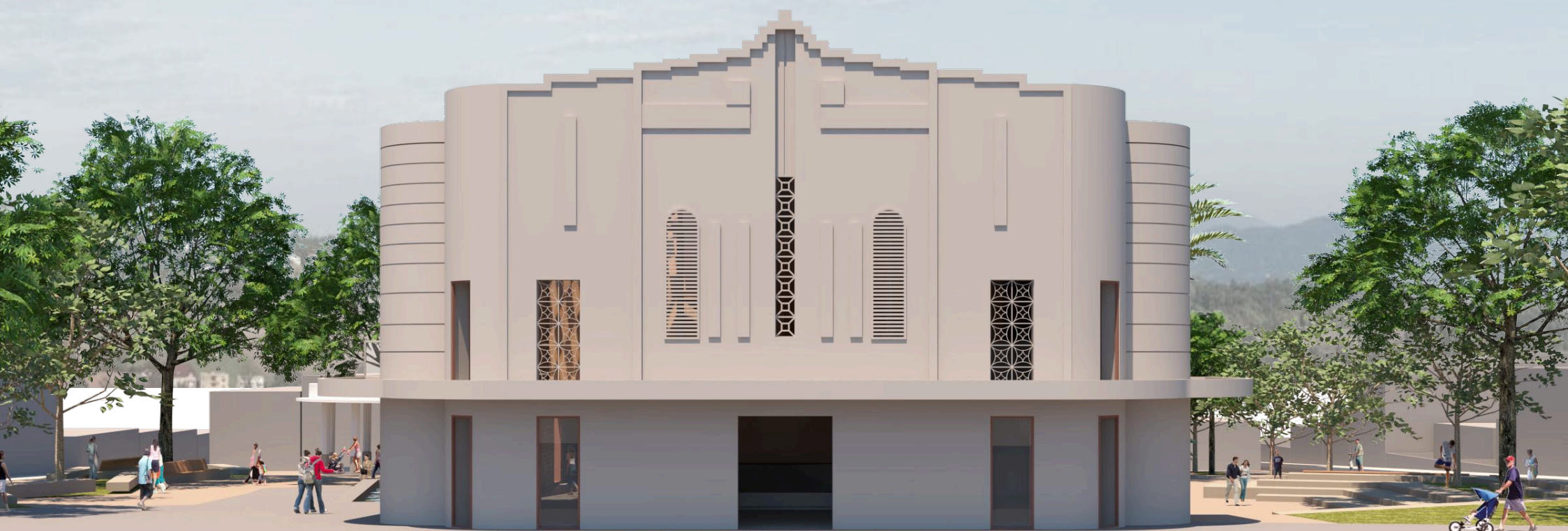


Figuras 98: Zoneamento do segundo pavimento
Fonte: Autoral



O Cine Bandeirante

Assim como nas referências projetuais apresentadas, a proposta tem como estratégia o restauro dos elementos da fachada principal, mantendo ao máximo os ornamentos e resgatando proporções de cheios e vazios. A fachada, anteriormente coberta por letreiros, agora é elemento de destaque na intervenção, valorizando a chegada na Praça.



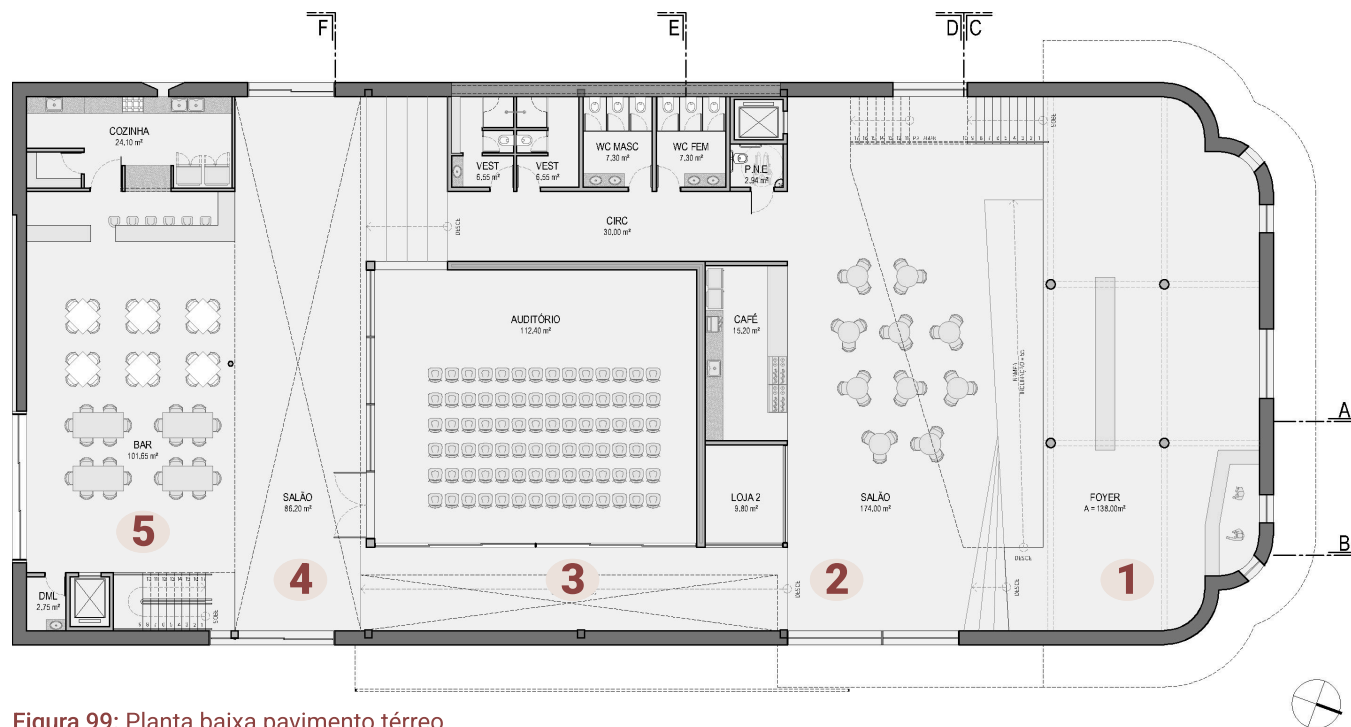
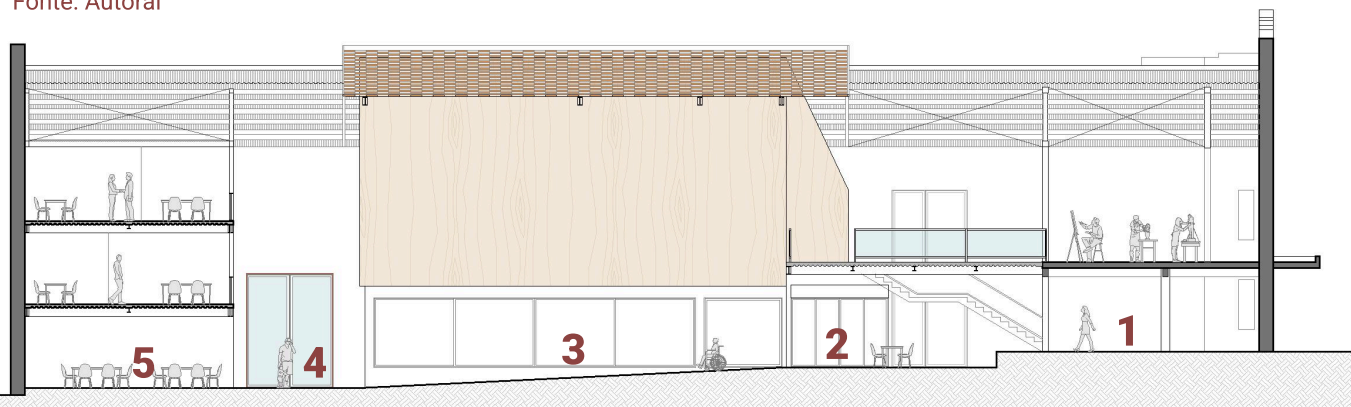


Figura 99: Planta baixa pavimento térreo
Fonte: Autoral

Figura 100: Corte longitudinal B
Fonte: Autoral



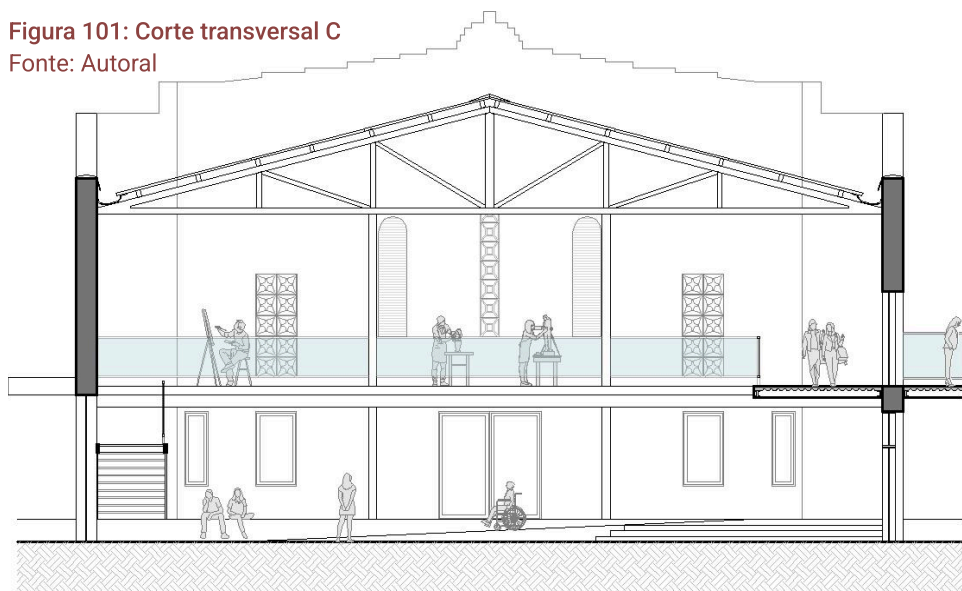
CORTE B

Ao comparar a planta baixa do pavimento térreo (Figura 99) e o corte longitudinal A (Figura 100) é possível compreender como estes espaços internos estão distribuídos em níveis que acompanham o declive da Praça da Bandeira, para que seja possível acessar o térreo por vários acessos, ligados por áreas de transição.

- Nível 1: Chegada principal com o grande foyer e bilheteria;
- Nível 2: Salão, café e bomboniere, com acesso pela rampa e escada escultórica;
- Nível 3: Circulação lateral inclinada, uma área de transição ente os níveis;
- Nível 4: Área de permanência com acesso pela parte mais baixa da praça, onde está localizado o auditório;
- Nível 5: O Bar/Restaurante, se abrindo para a praça pelos fundos da edificação.

Figura 101: Corte transversal C

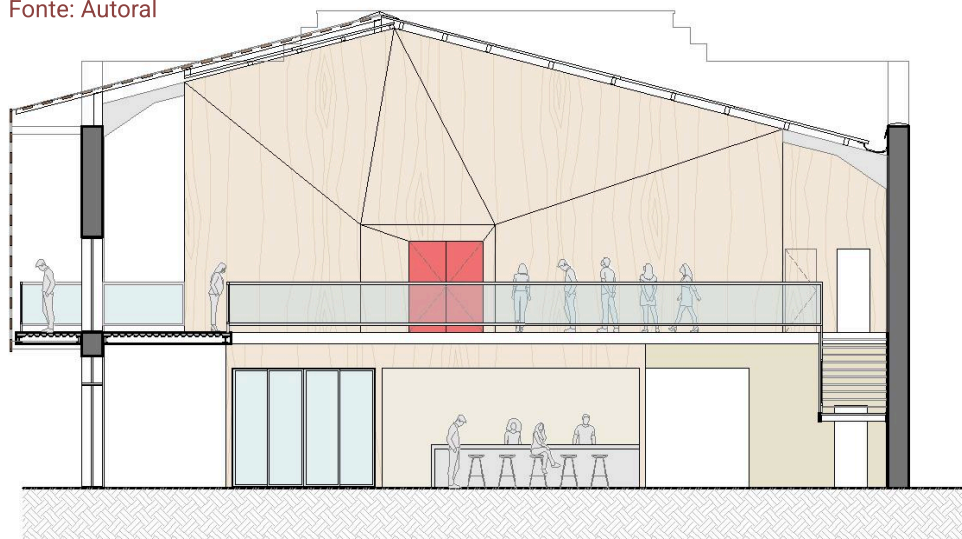
Fonte: Autoral



CORTE C

Figura 102: Corte transversal D

Fonte: Autoral



CORTE D

O tratamento dos elementos originais da fachada pode ser observado não apenas pela chegada da praça, como também pelo interior da edificação, como apresentado na Figura 101, pois a laje acima do foyer, onde agora está localizada a galeria de exposições, permite que os usuários percorram esse espaço e tenham a vista para o exterior através dessas aberturas originais.

O corte transversal D (Figura 102) representa a vista para a sala de cinema e seus usos de apoio (café e bomboniere), o mezanino com balcão que se abre para a praça, alinhado com a marquise existente do prédio (Figura 103), e o detalhe da nova cobertura proposta, que combina elementos vazados, sustentados com estrutura metálica, protegidos por uma cobertura translúcida. Esta cobertura, combinada as novas aberturas, destacam a intervenção contemporânea no edifício, assumindo uma postura mais ousada neste ponto de destaque.



Figura 103: Coberta com elemento vazado e balcão.

Fonte: Autoral

As Figuras 104, 105 e 106 apresentam como o vazio do primeiro pavimento e as aberturas propostas possibilitam a iluminação e ventilação dentro da edificação. Os amplos espaços de convivência favorecem o encontro de pessoas e a realização de eventos e apresentações artísticas diversas para além do funcionamento do Cinema.

Figuras 104, 105 e 106: Vistas internas do cinema
Fonte: Autoral





Figura 107: Volumetria da sala de cinema
Fonte: Autoral

O volume contemporâneo da sala de cinema recebe destaque com a vista livre criada pelo vazio do primeiro pavimento, desse modo, ao adentrar na edificação o espectador visualiza logo de frente esta “caixa” de madeira com a entrada marcada em vermelho, que ao longo do dia se transforma com a posição da sombra do elemento vazado da abertura zenital na cobertura (Figura 107). Este jogo de luz e sombras cria uma atmosfera interessante para a experiência do cinema.



Figura 108: Cinema e Galeria
Fonte: Autoral

A posição da sala de cinema de frente para a galeria (Figura 108), onde a fachada e as aberturas foram recuperadas, cria este contraponto entre o novo e o histórico, contrastando na materialidade e forma. Enquanto a Galeria segue a empena original da edificação, o Cinema se projeta para o leste, acompanhando este elemento da cobertura que se projeta para o externo.

A Praça da Bandeira

A diretriz que guiou o projeto desde o início foi a integração do Cinema com a Praça da Bandeira. O uso interno transborda para o espaço público, criando ambientes com um caráter diferente em cada canto da praça.





Figura 109: Inserção do
Cinema na Praça da Bandeira
Fonte: Autorial

1. Chegada: O acesso principal da praça é marcado pelo desenho de piso, que direciona o percurso ao interior da edificação. O espaço é mais livre de arborização e mobiliário, para permitir a visibilidade da fachada principal do cinema e do detalhe da cobertura, atraindo o espectador antes mesmo de adentrar o edifício.



Figura 110: Esquina da praça e fachada principal do cinema
Fonte: Autoral



Figuras 111, 112 e 113: Relação do Cine Bandeirante com o entorno da praça
Fonte: Autoral



2. Espera e Permanência: Espaço acolhedor de permanência e contemplação da edificação e da Praça, valorizando a vista para o detalhe da cobertura e para as novas aberturas, criando uma relação com o interior do cinema. Além disso o espelho d'água proporciona o resfriamento por evaporação, dando mais conforto térmico ao espaço e refletindo a luz e sombra da cobertura vazada.

3. Bar e Eventos Lugar para manifestações culturais e eventos, próximo ao bar e ao antigo coreto. O espaço amplo é mais livre de mobiliário e permite instalações temporárias e flexíveis. A área é um reflexo do caráter existente da praça, criando uma extensão do bar para o espaço público.

4. Cine ao ar livre: As atividades do cinema extrapolam para o espaço público neste espaço voltado para exposições de cinema ao ar livre, apresentações de teatro, palestras, shows e outras ocupações, onde a arquibancada se insere no declive da praça.

O espaço para cinema o ar livre está no lado oeste da praça, aproveitando as fachadas cegas dos ambientes de serviço e áreas técnicas da sala de cinema. A composição das aberturas segue os alinhamentos dos próprios frisos existentes da fachada original, em alguns pontos com seteiras e rasgos horizontais discretos, em contraponto às grandes aberturas das entradas.



Figura 14: Fachada oeste do cinema
Fonte: Autoral

CONSIDERAÇÕES FINAIS



A requalificação do Cine Bandeirante se apresenta como uma intervenção necessária para a revitalização urbana de Arcoverde. O cinema, que em tempos passados foi um ponto de convergência cultural e social, tem o potencial de novamente atrair a população e gerar vitalidade no centro da cidade. Sua recuperação não apenas preserva um edifício histórico, mas também favorece e a apropriação do espaço público ao redor, transformando-se em um polo de atividades culturais e de lazer.

A proposta no Cine Bandeirante visa, sobretudo, fortalecer o vínculo comunitário. Ao proporcionar a permeabilidade do edifício com a praça, o projeto convida a população a interagir com sua cidade de maneira mais ativa, reforçando o senso de pertencimento. Espaços como esse desempenham um papel crucial na construção de identidades coletivas e, com a requalificação, o Cine Bandeirante pode voltar a ser um ponto de encontro e interação para diferentes gerações.

Por fim, o exercício projetual busca resgatar a memória do cinema de rua em Arcoverde, oferecendo à população a chance de se reconectar com um marco significativo de sua história. A proposta de requalificação é mais do que uma intervenção física; é um esforço para preservar a cultura local e reavivar as lembranças que o Cine Bandeirante evoca. Assim, o projeto não só recupera um espaço urbano, mas também reestabelece uma ligação emocional e cultural entre o local e a comunidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABC – Associação Brasileira de Cinematografia. Recomendação Técnica - Arquitetura de Salas de Projeção Cinematográfica. 2009. 11 p. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/slideshow/abc-normas-pcinemanov2009/65411342>. Acesso em: 10 jun. 2024

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR 12237 - Projeto e Instalações de salas de projeção cinematográfica. Rio de Janeiro, 1988.

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR 15220-3 - Desempenho térmico de edificações Parte 3: Zoneamento bioclimático brasileiro e diretrizes construtivas para habitações unifamiliares de interesse social. Rio de Janeiro, 2003.

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR 5626 - Instalação predial de água fria. Rio de Janeiro, 1998.

ANDRADE JUNIOR, Nivaldo Vieira. Estratégias projetuais de intervenção no patrimônio arquitetônico: experiências de museus contemporâneos na América Latina. In: 5o. Seminário Internacional Museografia e Arquitetura de Museus Fotografia e Memória. Brasília-DF: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo/ Universidade de Brasília, 2011. p. 1-14.

ANDRADE JUNIOR, Nivaldo Vieira. Metamorfose arquitetônica: intervenções projetuais contemporâneas sobre o patrimônio edificado. 2006. 352 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de pós-graduação em arquitetura e urbanismo da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2006.

ANTONIO VIRGA ARCHITECTE. Cinéma Cahors. Antonio Virga Architecte.com, 2017. Disponível em: <<https://www.antoniovirgaarchitecte.com/fr/projet/cinema-cahors-1>>. Acesso em: 5 jul. 2024.

BESSA, Márcia, FILHO, Wilson Oliveira. Nas ruas dos cinemas, cinemas nas ruas, cinemas de rua: a cidade como uma questão cinematográfica. Ponto Urbe, São Paulo, 15, Dez. 2014. URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/2536>. Acesso em: 18 junho 2024.

CAMPOS, Vitor José Baptista. O Art Déco e a construção do imaginário moderno: um estudo de linguagem arquitetônica. 2003. 107 f. Tese (Doutorado em Estruturas Ambientais Urbanas) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003. doi:10.11606/T.16.2003.tde-08022024-165102. Acesso em: 21 junho 2024

Cine-Teatro Bandeirante. Diário de Pernambuco, Recife, 1 jun 1947.

CINEMA DA FUNDAÇÃO. Dados - Cinema da Fundação Derby. Cinema da Fundação, 2015. Disponível em: <<https://cinemadafundacao.blogspot.com/p/dados.html>>. Acesso em: 23 ago. 2024.

DUARTE, José Leite. História do Cinema Bandeirante. Arcoverde: Coletiva Cultural de Arcoverde, 2010. 63 p. Coleção Memória de Arcoverde.

EVANGELISTA, T.F.C. Os Bons Tempos Voltaram: Cine Passeio O Novo Cinema De Rua Curitibano In: 43º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. 2020. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2020/resumos/R15-1598-1.pdf>. Acesso em: 18 junho 2024.

FARIAS, Nuri. Cine Caixa Belas Artes | LoebCapote. Galeria da Arquitetura, 2014. Disponível em: <<https://www.galeriadaarquitetura.com.br/projeto/loebcapote/cine-caixa-belas-artes/1593>>. Acesso em: 5 jul. 2024.

FIGUEIREDO, Fernando. Cine Bandeirante: Histórias Que O Vento Não Levou. Recife: MINC/Instituto Clio, 2012. 178 p.

FILHO, Pedro Salviano. Histórias da Região: A emancipação de Arcoverde. In: FILHO, Pedro Salviano. Jornal Arcoverde. Arcoverde, 2020. Disponível em: <https://jornaldearcoverdehistoriasregiao.blogspot.com/2020/03/a-emancipacao-de-arcoverde.html>. Acesso em: 21 jul. 2023.

FILHO, Pedro Salviano. Histórias da Região: A Great Western. In: FILHO, Pedro Salviano. Jornal Arcoverde. Arcoverde, 2020. Disponível em: <https://jornaldearcoverdehistoriasregiao.blogspot.com/2020/03/a-great-western.html>. Acesso em: 21 jul. 2023.

FILHO, Pedro Salviano. Histórias da Região: Feira de gado do Sertão. In: FILHO, Pedro Salviano. Jornal Arcoverde. Arcoverde, 2020. Disponível em: <https://jornaldearcoverdehistoriasregiao.blogspot.com/2020/03/feira-de-gado-do-sertao.html>. Acesso em: 21 jul. 2023.

FILHO, Pedro Salviano. Histórias da Região: Praça da Bandeira. In: FILHO, Pedro Salviano. Jornal Arcoverde. Arcoverde, 2020. Disponível em: <https://jornaldearcoverdehistoriasregiao.blogspot.com/2020/06/praca-da-bandeira.html>. Acesso em: 21 jul. 2023.

GALINDO, Djalma. Uma Balada para Rocky Lane. Roteiro: Djalma Galindo, Lorena Arouche, Paula Reis e Bruno Silva. Edição: Lorena Arouche. Produção executiva: Djalma Galindo e Paula Reis. Mixagem: Justino Passos e Vitor Maia. Tarrafa Produtora, 2017. 20 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pGOKfWbG6fM>. Acesso em: 31 mai 2023.

GRACIA, Francisco de. Construir en lo Construido: Arquitectura como Modificación. Nerea, 1992.

IBGE – Instituto Brasileiro De Geografia E Estatística. Censo Brasileiro de 2023. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.

KUHN, Annette. An everyday magic: cinema and cultural memory. London: I.B. Tauris & Co, 2002. 273 p.

LUÍS, André. Finalmente, Prefeitura de Arcoverde anuncia reforma do Cine Rio Branco. In: GALINDO FILHO, Nivaldo Alves. Blog do Nill Júnior. Arcoverde, 2023. Disponível em: <https://nilljunior.com.br/finalmente-prefeitura-de-arcoverde-anuncia-reforma-do-cine-rio-branco/>. Acesso em: 23 jul. 2024.

MILANESI, Luís. A casa da invenção: Biblioteca Centro de Cultura. 4ª Edição. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. 271 p.

NASLAVSKY, G. ; SILVA, Aline de Figueirôa. Da capital ao interior de Pernambuco: critérios para documentação da arquitetura moderna no Nordeste, 1930-1980. In: 9o. Seminário DOCOMOMO Brasil, 2011, Brasília-DF. Interdisciplinaridade e experiências em documentação e preservação do patrimônio recente. Brasília-DF: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo/ Universidade de Brasília, 2011. p. 1-14.

Prefeitura de Arcoverde. Turismo. Prefeitura de Arcoverde, 2024. Disponível em: <<https://www.arcoverde.pe.gov.br/pag/turismo>>. Acesso em: 5 jun. 2024.

SANTOS, Cecília Rodrigues dos. Teatro Polytheama. In: FANUCCI, Francisco; FERRAZ, Marcelo Carvalho. Francisco Fanucci, Marcelo Ferraz: Brasil Arquitetura. São Paulo, Cosac Naify, 2005, p. 32

SCLIAR, Moacyr. Os cinemas não morrem. Eles viram lembranças. Filme Cultura, Rio de Janeiro, n. 47, p. 117-118, ago. 1986.

SOUZA, S. De O. “Aprendi tudo na prática, no set”. 2016. Revista Continente. Entrevista concedida a Paula Reis Melo. Disponível em: <<https://revistacontinente.com.br/edicoes/192/raprendi-tudo-na-pratica--no-setr>>. Acesso em: 21 jul. 2023.

SORIANO, Antonio Ricardo; SILVA, Luiz Carlos Pereira da; PEDROSO, Roseli Venancio. Cine Belas Artes: um passeio por sua história. Salas de Cinema de São Paulo. 2019. Disponível em:<http://www.cinemasdesp.com.br/2019/02/cine-belas-artes-um-passeio-por-sua.html>. Acesso em 25 set. 2024.

SARAIVA, Kate. Cinemas do Recife. Recife: FUNCULTURA, 2013. p.118.